

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Cristiele Aline Kuhn Terhorst

O SOTAQUE “ALEMÃO” NO REGIONALISMO RIO-
GRANDENSE: HISTÓRIA E PRÁTICAS

Passo Fundo
2021

Cristiele Aline Kuhn Terhorst

O SOTAQUE “ALEMÃO” NO REGIONALISMO RIO-
GRANDENSE: HISTÓRIA E PRÁTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em História, sob orientação do Professor Dr. Marcos Gerhardt.

Passo Fundo
2021

Cristiele Aline Kuhn Terhorst

O SOTAQUE “ALEMÃO” NO REGIONALISMO RIO-GRANDENSE: HISTÓRIA E PRÁTICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de Mestre em História sob a orientação do Professor Dr. Marcos Gerhardt.

Aprovada em 18 de maio de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
João Klug
Data: 11/08/2021 19:34:22-0300
CPF: 242.486.900-63
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. João Klug (UFSC)

Prof. Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Prof. Dr. Marcos Gerhardt (UPF)

Dedico àqueles que: acreditaram, tiveram paciência, incentivaram e deram (além da conta) mais um voto de confiança na conclusão deste trabalho. Em especial ao orientador Marcos, à coordenadora Gisele, ao professor Adelar e ao professor João. Ao colega Itacir, que fez “semear a dúvida” no que era certeza até então. Também aos entrevistados Luiz, Renato e Maria Lourdes e aos envolvidos na aquisição de documentos e materiais. Não posso deixar de citar meus pequenos Otávio Valentin e Otto Francisco e o sempre atencioso Marcelo.

“Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso”. Melaine Klein.

RESUMO

A pesquisa aborda a história do Centro de Tradições Gaúchas Estância do Imigrante no município de Selbach, localizado no planalto médio do Rio Grande do Sul. A fundação ocorreu na década de 1980, tardiamente se comparada à organização do regionalismo no Movimento Tradicionalista Gaúcho, o que é investigado por meio de bibliografia e de fontes: atas, entrevistas, sites, revistas, fotografias e calendário de eventos. Por meio do estudo da história do MTG busca-se compreender como a ideologia do gauchismo se constituiu no passar dos anos e como se constitui atualmente. Utiliza a abordagem da história oral através da coleta e análise das entrevistas com fundadores da entidade tradicionalista, usando a memória pessoal como instrumento para o registro dos fatos ocorridos com relação à entidade e que colaboraram para a construção de uma identidade coletiva. Analisa a contradição existente na denominação do CTG e a colonização de Selbach, que ocorreu com a vinda de descendentes de alemães para ocuparem pequenos lotes de terra com a agricultura familiar, sem vinculação com o latifúndio pecuarista conhecido no estado como estância. Objetiva compreender como ocorreu a implantação da agremiação, quais as práticas que seus sócios realizaram e que continuam sendo realizadas até 2021, para o mesmo estar alinhado com o MTG. Tem como objetivo, ainda, discutir a aculturação ocorrida pela implementação de hábitos que antes eram estranhos aos fundadores: o uso da bombacha e do vestido de prenda, utilização do cavalo como montaria de passeio, a reprodução de músicas consideradas de cunho gauchesco, o envolvimento com as danças tradicionais na instituição dos grupos adulto e o das crianças, e a posterior organização do rodeio crioulo. Conclui que foi por incentivo de pessoas não nascidas na localidade e a influência que elas exerciam sobre o grupo convidado para a primeira reunião, que o CTG foi criado e uma aculturação se desenvolveu nos anos seguintes.

Palavras-chave: identidade; MTG; Selbach; regionalismo.

ABSTRACT

The research deals with the history of the foundation of the Centro de Tradições Gaúchas Estância do Imigrante in the municipality of Selbach, located in the middle plateau of Rio Grande do Sul. The foundation occurred in the 1980s, late compared to the organization of regionalism in the Traditionalist Movement, which is investigated through bibliography and sources: minutes, interviews, websites, magazines, photographs and calendar of events. By studying the history of MTG, we seek to understand how the ideology of gauchism was constituted over the years and how it is constituted today. It uses the approach of oral history through the collection and analysis of interviews with the founders of the traditionalist entity, using personal memory as an instrument to record the facts that occurred in relation to the entity and that collaborated in the construction of a collective identity. It analyzes the contradiction existing in the denomination of CTG and the colonization of Selbach, which occurred with the arrival of German descendants to occupy small plots of land with family farming, without being linked to the cattle ranch land known in the state as a ranch. It aims to understand how the association was implemented, what practices its members carried out and which continue to be carried out, until 2021, in order to be aligned with the MTG. It also aims to discuss the acculturation that occurred due to the implementation of habits that were previously foreign to the founders: the use of the bombacha and the gift dress, the use of the horse as a ride horse, the reproduction of music considered to be gauchesco, the involvement with traditional dances in the institution of adult and children groups, and the subsequent organization of the Creole rodeo. It concludes that it was through encouragement of people not born in the locality and the influence that they had on the group invited to the first meeting, that acculturation was that the CTG was created and an acculturation developed in the following years.

Keywords: identity; MTG; Selbach; regionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Roda de Mate	23
Figura 2 - Recanto do Mel.....	43
Figura 3 - Pórtico da entrada no Município de Selbach	43
Figura 4 - Mini Mundo Encantado	44
Figura 5 - Prédio da Prefeitura de Selbach	44
Figura 6 - Monumento comemorativo.....	47
Figura 7 - Evento da Igreja Católica.....	51
Figura 8 - Arrozal	52
Figura 9 - Transporte de produtos coloniais.....	53
Figura 10 - Representação de uma serraria	55
Figura 11 - Mecanização da lavoura.....	56
Figura 12 - Prendado	60
Figura 13 - Primeiras Prendas	61
Figura 14 - Apresentação do Grupo de Danças	69
Figura 15 - Rifa de moto	69
Figura 16 - Grupo de danças adulto	75
Figura 17 - Grupo de danças mirim.....	76
Figura 18 - Cavalgada da Chama Crioula	77
Figura 19 - Registro do time dos Bombachudos	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bibliografia para as prendas mirins.....	35
Quadro 2 - Bibliografia para prendas juvenis e adultas.....	35
Quadro 3 - Bibliografia indicada para guris e peões	36
Quadro 4 - Bibliografia indicada para os piás	36
Quadro 5 - Fundadores	62

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de Selbach no Rio Grande do Sul	39
Mapa 2 - Novas Colônias de Preponderância Germânica	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Produção de Soja	40
Tabela 2 – Produção de Trigo.....	40
Tabela 3 – Produção de Milho.....	41
Tabela 4 – Produção de Leite	41
Tabela 5 – Produção de Suínos.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CTG - Centro de Tradições Gaúchas.

DAER - Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem.

DP - Departamento de Promoções.

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

ENART - Encontro de Arte e Tradição Gaúcha.

EPU - Emissora Pioneira União.

FECARS - Festa Campeira do Rio Grande do Sul.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

MTG - Movimento Tradicionalista Gaúcho.

RBS - Rede Brasil Sul de Televisão.

RS - Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	O REGIONALISMO RIO-GRANDENSE	19
2.1	Os termos Gaúcho e Gaudério	19
2.2	A primeira fase do regionalismo rio-grandense: O Partenon Literário	21
2.3	Os Grêmios Gaúchos.....	24
2.4	A Segunda Fase do Regionalismo	26
2.5	A perpetuação do mito e o pedagogismo do MTG	32
3	SELBACH	39
3.1	Localizando Selbach	39
3.2	A colonização de Selbach	48
4	O CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE	58
4.1	A primeira reunião	58
4.2	Da fundação da entidade às práticas tradicionalistas	63
4.3	A aculturação	79
5	CONCLUSÃO	86
	REFERÊNCIAS	88
	FONTES	92
	ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	94

1 INTRODUÇÃO

O Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) é uma organização criada no Rio Grande do Sul, que ampliou sua presença em vários municípios e estados brasileiros e em alguns outros países, na forma de Centros de Tradição Gaúcha (CTG). O MTG tem uma atuação singular, baseada na Carta de Princípios, organiza ações e defende ideias que orientam seus adeptos a agirem de acordo com seus valores e ideologia.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o Centro de Tradições Gaúchas Estância do Imigrante, que se formou no município de Selbach, no RS, situado em uma área marcada pela imigração germânica e migração de seus descendentes. O espaço recortado nesse trabalho é determinado pela localização da entidade em Selbach, que se encontra no planalto médio, na região do Alto Rio Jacuí e considera a região de atuação e influência desse CTG. O recorte temporal considera a colonização de Selbach, no início do século XX, sem descuidar da história de outros grupos sociais anteriores e se estende até 2021, isto é, o tempo presente, pois o CTG continua atuante e marca culturalmente parte da população local.

O problema de pesquisa que se destaca é: Como um CTG, que é ligado ao latifúndio e ao trabalho na pecuária extensiva, desenvolveu discursos e práticas regionalistas, identificadas como tradicionalismo, em um município marcado pela germanidade como componente identitário e pela colonização em pequenas propriedades rurais? Compreender a história do MTG, a fundação do CTG em Selbach, sua história e suas práticas são objetivos para responder a questão.

A pesquisa se justifica na necessidade de ampliar os estudos históricos sobre a imigração e a colonização do norte do Rio Grande do Sul, destacando aspectos que ainda foram pouco estudados, como as relações interétnicas vividas pelos imigrantes e seus descendentes. Por outro lado, a pesquisa tem relevância social, pois contribui para que a população de Selbach conheça sua história e possa se situar como parte de um processo histórico mais amplo.

Diversos conceitos são essenciais para desenvolver a pesquisa. Um deles é o de ideologia. Sandra Jatahy Pesavento considera ideologia como “uma concepção ou visão de mundo ligada a uma classe que traduz a realidade objetiva e formula conceitos sobre ela a partir dos interesses desta classe” (1980, p. 61). Assim, elencam-se os valores simbólicos que se sobrepõem aos demais.

A ideologia que se manifesta no MTG é a do gauchismo. De acordo com o historiador Tau Golin, esse grupo de convicções é articulado de maneira “unificadora” (GOLIN, 1983, p. 12), quando “a massa é remetida para a campanha, donde a verdade histórica já veio falseada”

(GOLIN, 1983, p. 12), isso porque os tradicionalistas idealizam um passado onde duas classes - os dominados e os dominantes - presumidamente viveram em harmonia social. O gauchismo originou-se no estado do Rio Grande do Sul contemporaneamente, e remete-se “ao tipo social ideal do gaúcho” (RIBAS, 2007, p. 12), onde é enfatizada a imagética do homem da campanha¹ como modelo representante de todos os rio-grandenses. Um suposto passado de glórias é revivescido e celebrado em vários eventos promovidos pelo MTG.

Oliven descreve o gaúcho reverenciado como “homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo tendo como interlocutor privilegiado a natureza como ela se descortina nas vastas planícies desta área pastoril do estado” (1990, p. 5). Esse arquétipo foi sofrendo um “longo processo de elaboração cultural até ter o atual significado gentílico de habitante do estado e servir de identidade regional” (RIBAS, 2007, p. 12), tornando-se o mito fundador do movimento tradicionalista. Assim se processou a criação de uma grande quantidade de centros ligados à uma suposta cultura gauchesca. Ao questionar a presença do tradicionalismo na região em estudo, o município de Selbach, leva-se em conta o que escreve Cláudia Viscardi: “O espaço geográfico deixou de ser estático e passou a ser uma produção coletiva dos homens” (1994, p. 86), reinventando-se.

Para Oliven, o regionalismo: “aponta para as diferenças que existem entre regiões e utiliza essas diferenças na construção de identidades próprias” (2006, p. 22). Ainda sobre a designação de regionalismo, temos a ideia de que “passa a ser a defesa dessa identidade construída, em lutas simbólicas que integram relações de poder” (RIBAS, 2007, p. 13). No caso de Selbach, o regionalismo está relacionado com a esfera estadual e possui particularidades que tornam único o objeto da presente dissertação.

Uma dessas peculiaridades é a organização tardia do movimento tradicionalista, ocorrido nos anos de 1980 com a influência da televisão, havendo aí uma interferência da indústria cultural. Ao buscar uma identidade que lhes representassem, alguns moradores de Selbach encontraram a divulgação do mito do gaúcho, veiculado pelo programa “Galpão Crioulo”, da RBS.

Kellner, ao falar da cultura da mídia, trata a identidade como algo mutável, especialmente na modernidade, quando há a negação do passado e a implicação de uma “constante renovação”, sendo que “a identidade pode cristalizar-se e endurecer e, como

¹ Refiro-me ao termo como território geográfico de planície, conhecido também como campo ou campanha, localizado no sudoeste do RS, seguindo no Uruguai e na Argentina; e também na linguagem estética, como traduz Tau: “[...] o vocábulo pampa, em seu sentido original, geográfico e social, disseminou-se como a designação do “meio rural”, mais propriamente como o espaço real e imaginário da pecuária” (GOLIN, 2001, p. 14).

consequência, surgem o tédio e o fastio” (2001, p. 297), causando dúvidas sobre quem as pessoas são.

Como afirma Adorno: “Quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência” (2002, p. 27). Penso, aqui, na indústria midiática, que contribui para a construção do imaginário coletivo, especialmente quando da necessidade da identificação com o padrão regional estadual, na oportunidade em que se criou a sociedade.

A sociedade existe porque existe uma consciência de grupo, o “ethos”. Sodré o define como: “a consciência atuante e objetivada de um grupo social – onde se manifesta a compreensão histórica do sentido da existência, onde tem lugar as interpretações simbólicas do mundo – e, portanto, a instância de regulação das identidades individuais e coletivas” (2002, p. 45).

Neste sentido, pode ter ocorrido, em Selbach, uma aculturação ou assimilação, definida como uma “mudança da personalidade realizada pela substituição de combinações de atitudes e valores, por novas combinações de atitudes e valores que vêm a integrar o indivíduo em uma sociedade culturalmente diferente” (WILLEMS, 1980, p. 149).

Metodologicamente, essa pesquisa emprega a interpretação de documentos escritos e de fotografias e a história oral, considerando essencial o testemunho das pessoas que fizeram parte da criação e da história do CTG Estância do Imigrante. As entrevistas, previamente agendadas, são compostas por questões padronizadas, sendo algumas delas de respostas livres, abrindo assim possibilidade para novos questionamentos. Para Sebe Bom Meihy, a História Oral: “é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (2002, p. 13).

A fotografia, segundo Boris Kossoy é “um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções” (2014, p. 32). Ela ajuda a construir o cenário onde o estudo acontece, trazendo referências importantes que agregam valor à temática. A imagem fotográfica, como um resíduo do passado, é “um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (2014, p. 49). É uma fonte histórica, que se constitui de matéria e de expressão, que pode ser uma fonte iconográfica original ou uma fonte iconográfica impressa. Utilizamos ambas no corpo dessa dissertação.

O conceito de hibridismo cultural, que mescla a cultura conservadora com o modernismo, também está presente nessa dissertação porque retrata a fundação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, uma entidade criada para reavivar os hábitos que eram utilizados

nas fazendas, ao mesmo tempo em que o movimento modernista tenta trazer inovações no campo da arte e em que a iniciativa privada vai introduzindo a modernização nas indústrias. Com o exemplo do primeiro CTG, pode se dizer que “o modernismo cultural, em vez de ser desnacionalizador, deu o impulso e o repertório de símbolos para a construção da identidade nacional” (CANCLINI, 2003, p. 81), no caso, a criação da identidade regional do rio-grandense. Isso significa um antagonismo entre o modernismo e o conservadorismo, ocorridos ao mesmo tempo no Rio Grande do Sul.

O primeiro capítulo aborda o Regionalismo Rio-grandense, fazendo uma discussão sobre os termos Gaúcho e Gaudério; a sua primeira fase com a criação do Partenon Literário e dos Grêmios Gaúchos e a segunda fase, com a fundação do MTG, além das formas de atuação para que o mito do gaúcho se perpetue.

O segundo capítulo tem como tema o município de Selbach, sua localização no espaço geográfico e sua história de formação. O Capítulo 3 trata da fundação do CTG Estância do Imigrante e de sua trajetória histórica, repleta de atividades que envolveram parte importante da população do município. Ainda, explana sobre os conceitos de cultura e aculturação, relacionados aos envolvidos na criação do CTG e suas narrativas. É uma tentativa de compreender como ocorreu o processo de tradicionalizar “gauchescamente” os moradores de Selbach.

Eu participei desse movimento e internalizei a imagem do gaúcho sendo integrante dos grupos de dança do CTG Estância do Imigrante e representante da entidade como 1ª Prenda Mirim, 1ª Prenda Juvenil e 1ª Prenda Adulta. Como tal, participei do concurso regional, sagrando-me 1ª Prenda da 9ª Região Tradicionalista. Assim, tive a oportunidade de fazer parte do concurso estadual, no ano de 2000, quando conquistei, depois da realização de inúmeras provas, o título de 3ª Prenda do Rio Grande do Sul, o que foi algo extraordinário para o município de Selbach, que pela primeira vez era representado em um evento desse porte. Tive o apoio de vários amigos e amigas, que além de incentivo verbal, também colaboraram na aquisição de vestidos, material para estudo, doação de seu tempo com a formação do conjunto musical para a avaliação da dança e do canto, além de auxílio para maquiagem e penteados. Foi muito honroso, naquele momento, ser reconhecida como prenda estadual por populares, rádios e jornais.

Vivi intensamente o mundo do Movimento Tradicionalista Gaúcho durante dez anos de minha vida, na participação e organização de concursos, encontros, seminários, eventos da semana farroupilha, rodeios crioulos, apresentações artísticas, missas crioulas, entre outros. Fui uma intensa militante do tradicionalismo gaúcho, sempre com a indumentária característica,

atuando também nas escolas por meio de palestras, para angariar mais participantes. Nesse período, minha crença era que no CTG vivíamos uma igualdade entre todos, onde as diferenças sociais ficavam para fora do galpão da entidade e uma suposta harmonia pairava nas relações.

Já sendo professora, quando preparava as atividades da semana farroupilha da escola, fui questionada por um colega sobre a criação do MTG e a ideologia que o movimento carrega desde sua fundação. Uma das perguntas era relacionada a quem os CTGs glorificam como representante do povo rio-grandense e por que esse é o arquétipo escolhido. Na verdade, esse colega já sabia as respostas e me fez, por meio da curiosidade e da dúvida, pesquisar sobre o movimento de uma maneira mais crítica, menos “apaixonada”. Foi então que decidi cursar o mestrado em História, onde descortinei o véu do conhecimento empírico para mergulhar na pesquisa acadêmica, quando muitas certezas foram sendo desconstruídas.

2 O REGIONALISMO RIO-GRANDENSE

O Capítulo 1 aborda o regionalismo rio-grandense, a criação do conceito de “gaúcho”, além da formação do MTG, que foi criado e disseminado em fases distintas: a primeira por meio do Partenon Literário e dos Grêmios Gaúchos, depois por meio da fundação do 35 CTG e da disseminação do gauchismo. Trata também das práticas que são utilizadas para que o movimento continue se perpetuando no decorrer dos anos.

2.1 Os termos Gaúcho e Gaudério

Enquanto na Europa, o cercamento das terras comunais no século XVIII capitalizava os amigos das coroas, especialmente da Escócia e da Inglaterra - condenando milhares de pessoas à miséria e à fome - no espaço chamado hoje de Rio Grande do Sul, espanhóis e portugueses se adonavam do que era ocupado pelos indígenas “há mais de doze mil anos” (GOLIN, 1999, p. 16), fazendo delimitações donde se retirava, até então, o sustento coletivamente. Os vencidos no Rio Grande do Sul eram escravizados por aqueles que recebiam a terra por meio de sesmarias². Aliar-se aos padres jesuítas, foi um modo de sobrevivência para alguns dos povos indígenas.

No território do atual Rio Grande do Sul, alguns dos antigos ocupantes das terras ou descendentes destes, acabaram tornando-se peões que serviam às estâncias como mão de obra barata, pois tinham habilidade com o manejo do gado livre, porque dele sobreviveram até o mesmo ser recolhido para as fazendas. Gonzaga discute a origem desses proletários:

Sua origem residia tanto na dispersão das Missões quanto no estupro das índias, prática corriqueira de bandeirantes e soldados. Eram tipos indiáticos, mestiços, raros os brancos. Haviam herdado dos guaranis a habilidade para a lide pastoril, a capacidade para montar, mas – na diáspora geral do mundo aborígine – perderam sua identidade, tornando-se marginais (GONZAGA, 1980, p. 114).

Esse gado procriou-se na campanha e transformou-se num grande rebanho. Introduzido no Rio Grande do Sul pelos padres jesuítas, foi apropriado junto com a terra. Por causa da sua importância, no século XVIII, fornecendo “couros, carnes e gado muar”, colocou o RS no circuito econômico da colônia. De acordo com Zarth: “Os campos sulinos a partir disso

² A “Sesmaria de campo” era composta por “13068 hectares (seis km de frente por 18 km de fundo), dividida em 150 quadras de 87 hectares. Golin explica: “Conquistando e dividindo a terra com base no módulo de sesmaria, o pampa só podia se transformar no espaço social do latifúndio. Imagine-se que muitas famílias chegavam a possuir diversas “sesmarias” (GOLIN, 1999, p. 102).

transformaram-se gradativamente em grandes estâncias de gado. Os estancieiros formariam uma poderosa classe que dirigiria o Rio Grande do Sul de forma hegemônica até o princípio do século XX” (1997, p. 21).

Lando e Barros comentam sobre o latifúndio: “A estância, portanto, vai se caracterizar como uma organização produtiva, voltada para o mercado consumidor, surgindo toda uma hierarquia econômica, onde o estancieiro é a figura dominante e em torno do qual gravitam os peões” (1981, p. 48). Porém, a grande propriedade favorecia que grandes áreas de terras ficassem desocupadas, preocupando o governo do estado, que desejava “limitar a expansão do latifúndio” (LANDO; BARROS, 1981, p. 48).

Em 1850, foi aprovada a “lei de terras que motivou o registro das estâncias pastoris” (ZARTH, 1997, p. 20). A agricultura e o extrativismo da erva-mate tinham lugar no planalto, onde a predominância era das florestas. Porém, em torno de 1860, os latifundiários pecuaristas apropriaram-se também das áreas de mato, pois não tinham mais como aumentar suas fazendas nos campos.

Eclodiram vários “conflitos entre os usurpadores e os coletores de erva-mate que não possuíam propriedade jurídica de seus roçados e dos ervais” (ZARTH, 1997, p. 40). Essa usurpação também visava vender futuramente essas áreas para colonos imigrantes. Ainda: “é nesse instante que a exclusão dos camponeses pobres tem início, obrigando-os a emigrarem para áreas inóspitas e ainda devolutas ou a tornarem-se peões de estância em substituição ao escravo negro” (ZARTH, 1997, p. 40).

Em detrimento às inovações tecnológicas, que chegaram com uma nova maneira de lidar com o gado, agora cercado, dispensando assim a necessidade do serviço na produção de charque, muitos desses trabalhadores acabaram por vagar pelos campos, sem trabalho, sem residência. É o que relata Ruben George Oliven:

Por volta de 1870 o Rio Grande do Sul experimentou modificações econômicas, caracterizadas pelo cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado, e a disseminação de uma rede de transporte. Estas mudanças significaram uma grande modernização da área da Campanha, acarretando a simplificação das atividades da pecuária e a eliminação de certas atividades servis como as dos posteiros e dos agregados, que acabaram em grande parte sendo expulsos do campo (1990, p. 5 e 6).

Os trabalhadores da pecuária ficaram conhecidos como gaúchos ou gaudérios e realizavam seus afazeres na campanha rio-grandense e na planície platina. Esse tipo regional acabou por desaparecer do campo, pois sua atividade laboral foi substituída por novos modos de criação, aumentando, assim, o lucro dos grandes proprietários de terra. Sem emprego fixo,

com vida “errante”, esses indivíduos que não se adequaram às novas formatações de labuta impostas pelos setores dominantes acabaram malvistas pela sociedade. É isso que explica Gonzaga:

A partir de agora - esclarecidos os papéis na estrutura latifundiária-pastoril – passam a ser considerados malfeitores. Bandoleiros que merecem ser exterminados em nome da propriedade privada. Tudo que não se aglutinasse à estância ou ao quartel equiparava-se ao banditismo. Gaúcho e gaudério adquirem um sentido unívoco: são os inimigos da ordem (1980, p. 116).

É por isso que, antes das ações do Partenon e dos Grêmios, as palavras “gaúcho” e “gaudério” não tinham conotação positiva junto a população rio-grandense: ao contrário, eram utilizadas com desprezo e hostilidade.

2.2 A primeira fase do regionalismo rio-grandense: O Partenon Literário

Passadas algumas décadas, essa figura do gaúcho ressurgiu relacionada ao cavalo, alimentada pela mesma classe econômica que a fez desaparecer. Isso ocorreu, especialmente por meio de escritores ligados ao Partenon Literário, que advinham de “setores intermediários” da sociedade, que “tentava juntar os modelos culturais vigentes na Europa, com a visão positivista da oligarquia rio-grandense, através da exaltação da temática regional gaúcha” (OLIVEN, 1990, p. 6).

Em 18 de junho de 1868, em Porto Alegre, foi fundada a Sociedade Partenon Literário, por um grupo de intelectuais, homens e mulheres, liderados por Caldre e Fião e Apolinário Porto Alegre:

Eram nomes importantes ainda Bernardo Taveira Júnior, Amália dos Passos Figueroa, Aquiles José Gomes Porto Alegre, João Damasceno Vieira Fernandes, Múcio Scévola Lopes Teixeira, Arthur de Carvalho Candal e muitos outros. Do intelecto desses moços, escreve Guilhermino Cesar, nasceu no Estado o movimento batizado de regionalismo (GOLIN, 1983, p. 22).

As criações do Partenon eram voltadas para um público da elite, pois no século XIX “cerca de 76% da população desta província era analfabeta” (SILVEIRA, 2008). Ainda: “Entre os ideais difundidos pelo Parthenon, podemos destacar o republicanismo, o abolicionismo e a emancipação feminina, além de uma literatura nacional/local” (SILVEIRA, 2008).

Golin registra:

Abre-se com o Partenon o ciclo da literatura regionalista, dita gauchesca, como consequência de uma atitude mental necessariamente combativa. Através de seus primeiros cultores, a nova corrente se deixa atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho, procurando reviver o gaúcho largado, o homem livre dos primeiros tempos da conquista, os rebeldes de 1835 (1983, p. 22).

As produções dos participantes do Partenon, voltadas para os costumes, hábitos e tradições do homem da campanha relacionado às estâncias e aos heróis farroupilhas, fizeram o ingresso do gaúcho na ficção brasileira. Sergius Gonzaga afirma, no que diz respeito aos objetivos do Partenon Literário, o interesse para a “louvação dos tipos representativos mais caros à classe dominante. Sedimenta-se ali o início da apologia de figuras heroicas, alçadas à condição de símbolos da grandeza do povo rio-grandense” (GONZAGA, 1980, p. 125).

Isso aconteceu por meio de textos, publicados em revistas e jornais, com apelo regional, transfigurando o “gaúcho-pária em gaúcho-aristocrata, cheio de virtudes civis e militares” (GONZAGA, 1980, p. 118). Para Golin, a ideologia criada foi disseminada pelo Partenon: “Essa sociedade caracterizou-se como o lastro intelectual ideologicamente dominante. Seus poetas e prosadores divulgaram seus trabalhos nos jornais e revistas, além de terem sócios nas localidades rio-grandenses” (1983, p.21).

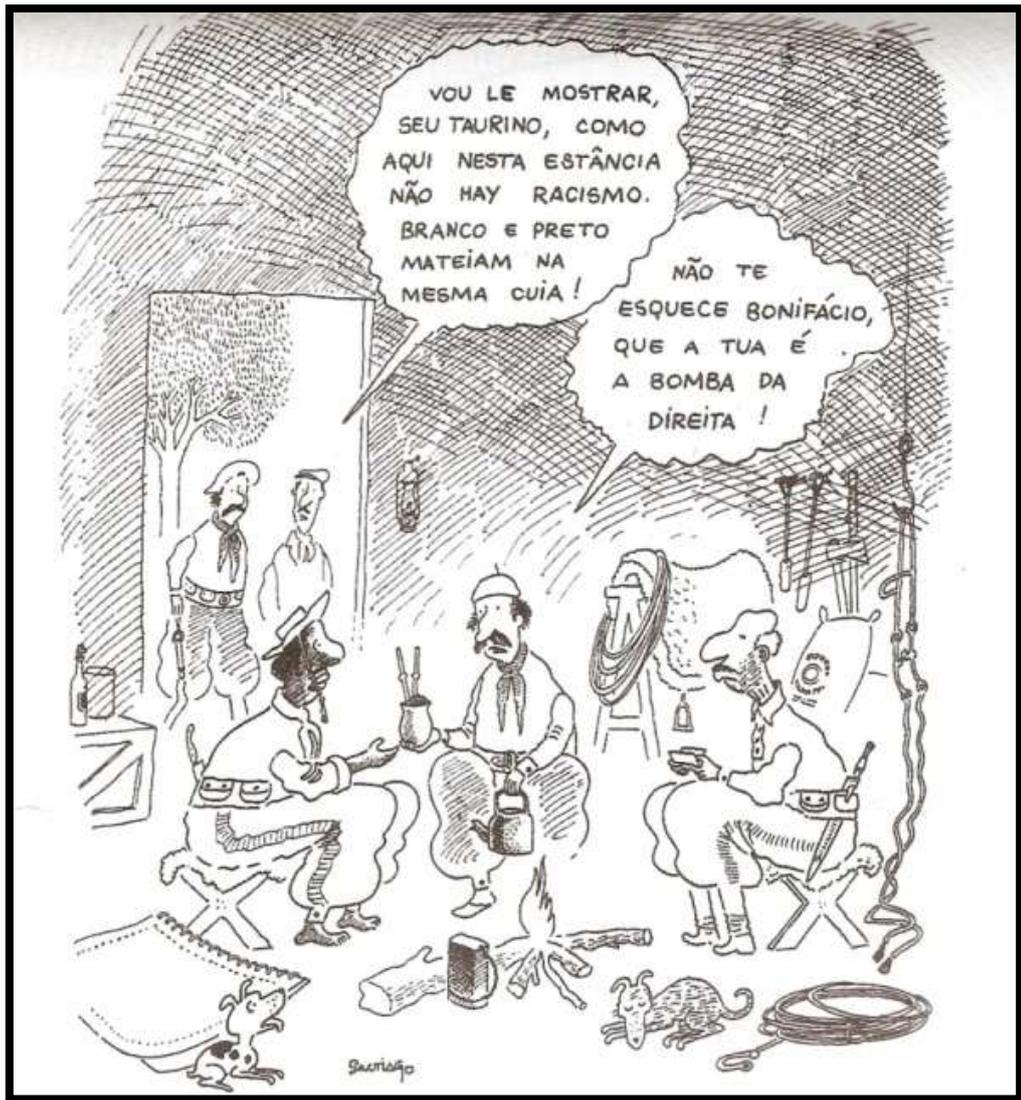
Os integrantes do Partenon não vinham de famílias abastadas: ao contrário, buscavam “ascensão, prestígio ou simples reconhecimento” junto à aristocracia rio-grandense, prestando a ela o serviço de “oferecer fórmulas, amenas à oligarquia, de representação da realidade, e por artistas, capazes de pôr em prática as qualidades varonis dessa mesma oligarquia” (GONZAGA, 1980, p. 126). Então “conseguiram, assim, efetivar o transplante ideológico à totalidade da população. É da base desse processo que surgiram as condições propícias para, mais tarde, ser criado o Movimento Tradicionalista” (GOLIN, 1983, p. 23).

Esses literatos que evidenciavam os valores da estância ou do estancieiro junto com a bravura do soldado, idealizado a partir da Guerra Farroupilha e da então iniciada Guerra do Paraguai, amenizavam, através de seu discurso, as disparidades gritantes entre os diferentes segmentos da sociedade:

Trata-se de uma formulação que de imediato se tornaria lugar comum aos fâmulos intelectuais da oligarquia: a ideia da democracia social, o rico concedendo ao pobre e este, agradecido, irmanando-se ao senhor proprietário. E assim consagraram-se peões (peões) e fazendeiros, os mesmos almares de prata, o mesmo suor, o mesmo cheiro de faina rústica, a mesma boca na cuia do chimarrão, os mesmos traços de caráter. Essa enganosa democracia do cotidiano que acobertou as mais profundas injustiças do sistema latifundiário (GONZAGA, 1980, p. 129).

O cartunista contemporâneo Santiago N. Abreu representou bem o argumento de Gonzaga por meio de seu trabalho (Figura 1), realizando uma sátira com representação de um galpão de estância, onde, de acordo com as premissas do Partenon, patrão e agregado sentariam na mesma roda de mate.

Figura 1 - Roda de Mate



Fonte: Abreu, 2013, p. 57.

A Figura 1 retrata um galpão de estância, com elementos característicos. A roda de mate ao redor do fogo de chão, onde os envolvidos estão sentados em bancos cobertos por pelegos, um produto oriundo da pele de ovinos, demonstra uma suposta criação. As encilhas para montaria em cavalo também estão presentes, supondo a utilização do animal para laçar, pois dois laços estão ali desenhados. A indumentária remete a campanha rio-grandense, de onde se convencionou o uso da bombacha no Rio Grande do Sul. Percebe-se a discrepância

socioeconômica entre os senhores sentados: o que está à direita usa botas, o que está ao centro usa alpargatas, enquanto Bonifácio, à esquerda, está descalço. A suposta igualdade é enganosa, visto que, mesmo mateando na mesma cuia, o branco oferece uma bomba só para Bonifácio, que é negro, frisando a ordem através da fala.

2.3 Os Grêmios Gaúchos

O primeiro Grêmio Gaúcho foi fundado em 1898³, na capital do estado, uma espécie de clube, com intenções de celebrar datas importantes e, de acordo com o fundador João Cezimbra Jacques, relembrar feitos heróicos e costumes ultrapassados em nosso estado:

Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho do nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares, dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só da nossa nacionalidade, como do estrangeiro; por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos e diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos ou diversões do passado; por meio de solenidades que não só relembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verso ou pelo discurso, como por meio da representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executores se apresentem com o traje e utensílios gauchescos (JACQUES, 1979a, p. 58).

João Cezimbra Jacques colaborou para a fundação do Partido Republicano, no ano de 1880. Além de professor, instrutor, conferencista e indigenista (falava guarani e caingangue), foi também escritor:

Apaixonado por seu pago, orgulhoso da história, admirador da geografia e profundo conhecedor dos costumes sul-riograndenses, por ele recolhidos, analisados e, principalmente vividos, passou a publicar o resultado das suas observações e pesquisas em periódicos. Posteriormente, atendendo a solicitações de amigos e admiradores dos seus trabalhos de coleta e divulgação, enfeixou-os nos dois referidos volumes⁴ (MARIANTE In: JACQUES, 1979a, p. 14).

Jacques, militar de carreira, assim como seu pai Inácio, era “positivista declarado”. Criou o Grêmio Gaúcho e “Por esse motivo foi agraciado com o “honroso” título de PATRONO

³ No Uruguai, quatro anos antes, foi criada a Sociedad Criolla, tendo o Dr. Elías Regules como autor do manifesto do movimento. Em 2 de setembro “uns 250 homens, vestidos como gaúchos, promoveram uma cavalgada em direção ao centro de Montevideú para surpresa dos habitantes da capital uruguaia. O desfile se conclui num sítio onde os participantes comeram churrasco e anunciaram publicamente que no mês anterior havia sido criada a Sociedad Criolla” (OLIVEN, 2006, p. 103).

⁴ Aqui Helio Moro Mariante, ao tratar da biografia de Cezimbra Jaques, se refere aos livros Assuntos do Rio Grande do Sul e Ensaios sobre os Costumes do Rio Grande do Sul.

DO TRADICIONALISMO GAÚCHO” (JACQUES, 1979b, p. 11, grifo do autor). As duas entidades, Partenon e Grêmio Gaúcho, tiveram os mesmos objetivos: glorificar a figura do gaúcho, de acordo com o desejo das elites do estado. Oliven sobre isso destaca:

O Partenon ao mesmo tempo que tem como modelo literário a Europa culta e aquilo que se imaginava que ela oferecia de mais avançado, evoca a figura tradicional do gaúcho e louva seus valores que estavam sendo abalados. O Grêmio Gaúcho, nas palavras de seu fundador, procurava manter as tradições sem excluir os costumes do presente (1990, p. 8).

Os integrantes da elite econômica, jovens que estudaram no centro do país (OLIVEN, 1990) e aprenderam lá a corrente do Positivismo⁵ (advinda da Europa), que tinha como premissa que o país deveria ser visto como pequenas pátrias:

Comte era favorável a existência de “pequenas pátrias” com população não superior a três milhões de habitantes (O Rio Grande do Sul, por ocasião da proclamação da República tinha aproximadamente um milhão de habitantes), o que era interpretado pelos positivistas brasileiros através da defesa de um federalismo radical uma vez que naquele momento as províncias não teriam como se independizar (OLIVEN, 1990, p. 9).

Com o apoio dos mandatários do RS, novas agremiações do tipo criadas em Porto Alegre foram sendo instituídas no interior: na cidade de Pelotas em 1899 como a União Gaúcha; no mesmo ano, em Bagé, surgiu o Centro Gaúcho; em Santa Maria, em 1901, surgiu o Grêmio Gaúcho; inclusive “no início do século, também foram fundados os Grêmios de Santa Cruz e Encruzilhada” (GOLIN, 1983, p. 32), ambos em 1902. Sobre os clubes, Golin resume:

Esses clubes reuniram estancieiros, militares, comerciantes e demais segmentos da elite. Nos centros urbanos, fora da realidade concreta do campo e da situação dos camponeses, converteram suas sedes em modelo cultural referenciado no imaginário da estância e passaram a utilizar as etapas do seu modo de produção como motivos de lazer e desporto. Iniciaram a “festação” do mundo latifundiário (2004, p. 52).

Um pouco mais tarde em “1938, o Tradicionalismo deflorou a região imigrante. No distrito de Lomba Grande, na época pertencente ao município de São Leopoldo, hoje Novo Hamburgo, foi fundada a Sociedade Gaúcha Lomba-grandense” (GOLIN, 1983, p. 33). Na década seguinte, mais precisamente em 1943, ainda seguindo os moldes do Grêmio Gaúcho, é

⁵ Corrente filosófica que teve como mentor Augusto Comte “cujo programa fundamental era unificar as duas culturas – a humanística e a científica – num novo humanismo, fundado na ciência; uma ciência capaz de redescobrir e reavaliar a exigência humana, conferindo-lhe um significado de valor universal” (RIBEIRO, 1991, p. 10).

fundado o Clube Farroupilha, em Ijuí, cidade colonizada por mais de dez etnias. É interessante frisar que os fundadores dessas agremiações eram todos da elite:

O que nos interessa perceber é que os tradicionalistas, sem exceção, na primeira fase, eram todos homens da classe dominante, ou seus subalternos comissários. O processo de clivagem por que passa a elite não significou, por exemplo, alterações no comportamento dos aculturadores da tradição, apesar dos clubes serem integrados por suas frações. É exatamente nesse sentido que as atividades culturais, etc, dos clubes passam a ser um importante trabalho ideológico (GOLIN, 1983, p. 35 e 36).

A fundação dos Grêmios Gaúchos revela o conservadorismo presente na sociedade rio-grandense no final do século XIX e início do século XX.

2.4 A Segunda Fase do Regionalismo

Com a Primeira Guerra Mundial, os negócios da pecuária ficaram estagnados, assim também como os da indústria. Golin escreveu: “Esses fatores levaram as duas parcelas da elite, contrárias politicamente, a fortalecerem sua consciência de classe dominante” (1983, p. 43), referindo-se aos republicanos e federalistas. Oliven também escreveu sobre a crise: “O surgimento de frigoríficos estrangeiros e a decadência das charqueadas do estado gaúcho acentuaram este processo a partir do final da Primeira Guerra Mundial” (1990, p. 5 e 6), prejudicando quem oferecia seu trabalho nas estâncias: o peão, que perdeu o seu posto de labuta.

Então, na década de 1940, um grupo de estudantes secundários⁶ do Colégio Júlio de Castilhos de Porto Alegre estruturaram um Departamento de Tradições Gaúchas ligado ao Grêmio Estudantil daquele educandário. Mais precisamente em 1947, “organizaram a primeira Ronda Gaúcha (hoje Semana Farroupilha) que se desenrolou de 7 a 20 de setembro daquele ano” (OLIVEN, 1990, p. 11), ovacionando o mundo campeiro⁷, glorificando pessoas relacionadas à Guerra Farroupilha:

Tomando uma centelha do Fogo Simbólico da Pira da Pátria antes da sua extinção às 7 horas do dia 7 de setembro, transportaram-na até o saguão do Colégio Júlio de Castilhos onde acenderam a “Chama crioula”⁸ num candeeiro de galpão (OLIVEN, 1990, p. 11).

⁶ Atualmente se equivaleriam a estudantes do Ensino Médio (Educação Básica).

⁷ Aclamando as atividades relacionadas às fazendas pecuaristas da campanha rio-grandense, como a utilização de cavalos, o emprego do laço e demais apetrechos, o uso da bombacha, entre outros.

⁸ Oliven explica, em nota de rodapé que “A palavra crioulo é utilizada no Rio Grande do Sul para conotar o que é natural de qualquer parte do estado, isso é, nativo e por conseguinte original e puro” (OLIVEN, 1990, p.11. No Uruguai, no século XIX, “Criollo era El el hijo de extranjeros nacido em el Nuevo Mundo. Lo criollo suponía la consagración sentimental o literária del paisaje, la solera de la costumbre, el cuño de la convivencia

Os jovens⁹ que formaram o Grupo dos Oito eram: Antonio João de Sá Siqueira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilço Campos, Ciro Dias da Costa, Orlando Jorge Degrazzia, Cyro Dutra Ferreira e João Carlos Paixão Côrtes, seu líder. Segundo Oliven, fizeram uma guarda de honra, utilizando equinos emprestados pela Brigada Militar, quando, na Semana da Pátria, foram trasladados os restos mortais de David Canabarro, do município de Santana do Livramento até Porto Alegre. A intenção foi de homenagear o herói farroupilha. Havia duas correntes entre o Grupo dos Oito:

Enquanto Barbosa Lessa e Paixão Côrtes trabalhavam com o objetivo de organizar um clube de tradição gaúcha, Hélio José Moro e Glaucus Saraiva encabeçavam outro grupo, com igual propósito. Essa corrente, porém, agia movida por concepções mais místicas do Tradicionalismo. Pregava uma organização integrada tão somente por trinta e cinco pessoas, materializando a “data máxima do Rio Grande”¹⁰, espécie de reprodução dos “doze pares de França”¹¹. Fruto dessas ideias, em seu Manual, Saraiva compara o gaúcho ao cavaleiro andante. Com pequenas divergências, representantes dos dois grupos realizaram reuniões preliminares, em busca da unificação (GOLIN, 1983, p. 53).

Reuniam-se para tomar mate chimarrão e conversar imitando os peões das estâncias. Inicialmente se encontravam nos sábados à tarde, num galpão do pai de um dos moços. Em 1948, criaram, com 24 integrantes, o 35 Centro de Tradição Gaúcha (CTG), sem a intenção de “constituir uma entidade que refletisse sobre a tradição, mas um grupo que procurasse revivê-la, era necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo” (OLIVEN, 1990, p. 15), nos moldes que o grupo de Paixão Côrtes almejava.

Adotando a nomenclatura da organização de uma fazenda, esses jovens adultos sistematizaram os cargos que viriam a ser da presidência:

No lugar de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro, etc. empregaram-se os títulos de patrão, capataz, agregados, posteiros, etc. No lugar de Conselhos Deliberativos ou Consultivos, foi colocado o Conselho de Vaqueanos, e em vez de departamentos foram colocadas invernadas. De forma semelhante todas as atividades culturais, cívicas ou campeiras, receberam nomes que tivessem origem nos usos e costumes das estâncias gaúchas, tais como rondas, rodeios, tropeadas, etc. (OLIVEN, 1990, p. 16).

com los hombres y los ecosistemas de tierra adentro, com lãs formas y los sentidos del contorno” (VIDART, 2000, p. 18)

⁹ Esses jovens eram “descendentes de pequenos proprietários rurais de áreas pastoris de latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social e que vieram à capital para estudar. Esse dado é significativo porque mostra que os fundadores do MTG embora cultuem valores ligados ao latifúndio, não tem origem na oligarquia rural” (OLIVEN, 1990, p. 13).

¹⁰ Referindo-se ao ano de 1835, quando eclodiu a Guerra Farroupilha.

¹¹ Eram doze os cavaleiros de confiança do rei Carlos Magnus, que faziam sua proteção pessoal.

É interessante frisar que os jovens da elite porto-alegrense não se entusiasmaram com a ideia desse grupo e não participavam dos encontros. Quanto ao segundo CTG fundado no estado, causou espanto que tenha ocorrido em área de colonização alemã, mais precisamente no município de Taquara, sob a denominação “Fogão Gaúcho”, em 7 de agosto de 1948. Talvez tenha sido uma forma dos fundadores afirmarem sua brasilidade e seu regionalismo logo após as perseguições aos descendentes de alemães durante a Segunda Guerra Mundial. Del Ré sobre isso discorre:

Para esses grupos, adotar uma tradição que estabelecesse um elo com a pátria que os acolheu possuía significado ímpar, pois atestava o fato de fazer parte de um território como indivíduos. Mesmo com laços de identidade forjados por uma tradição inventada, haveria, de algum modo, a garantia e o estabelecimento de um elo identitário, um sentimento de pertencimento a uma nação (DEL RÉ, 2010, p. 16).

Entre 1948 e 1954, em muitos municípios do Estado, foram fundados centros de tradições gaúchas, o que fez os “intelectuais” tradicionalistas pesquisarem sobre o folclore. A pesquisa os deixou insatisfeitos, pois havia pouco material sobre as danças, músicas, poesias e vestimentas rio-grandenses; assim como foi desgostosa a participação de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes no Dia da Tradição, realizada em Montevidéu, no ano de 1949, ao perceberem que no país vizinho havia várias manifestações culturais, o que não ocorria no estado do Rio Grande do Sul.

No ano seguinte, ocorreu a III Semana Nacional de Folclore, em Porto Alegre, promovida pelo órgão brasileiro da UNESCO. O 35 CTG foi convidado a se apresentar e, sem registros das manifestações culturais, “teve que dar asas à imaginação” (OLIVEN, 1990, p. 21). Barbosa Lessa deixou claro que houve uma livre criação:

Às pressas encomendamos vestidos de chita para nossas irmãs ou primas, tentamos reconstruir uma meia-canha assistida em Montevidéu e, na noite da festa, apresentamos ao público, pela primeira vez, pedaços de coreografias que havíamos farejado aqui e ali: o “Caranguejo” e o “Pézinho” (OLIVEN, 1990, p. 21).

Barbosa Lessa também fala em montagem e colagem de melodias e coreografias, na urgência do grupo do 35 CTG ter algo para apresentar:

Ou voltar correndo a Montevidéu, para instantaneamente aprender com nossos “hermanos orientales” as “danças gaúchas de la grande pátria pampeana” ou, arregaçar as mangas e revirar o Rio Grande do Sul na tentativa de descobrir cacos melódicos e coreográficos reunidos e colados [...] que, se aproximassem de nossa herança luso-brasileira (OLIVEN, 1990, p. 21).

Acabaram por inventar várias “tradições”, “algumas das quais se tornaram tão populares que frequentemente são consideradas de origem folclórica, apesar de seus criadores sempre ressaltarem que são criações suas” (OLIVEN, 1990, p. 22). De acordo com Del Ré: “Ao longo dessa trajetória de domínio de espaços e entrelaçamentos culturais, formou-se um imaginário com elementos significativos que foram remodelados na memória coletiva, rendendo esse contexto a consolidação de uma tradição” (2010, p. 15).

Hobsbawm trata da invenção das tradições e escreve:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (2020, p. 8).

As tradições gaúchas, manifestadas atualmente, são invenções apreendidas por quem deseja identificação com o mundo campeiro e, na maioria das vezes, sem compreender toda a ideologia por detrás do movimento latifundiário. Passam a glorificar um passado que não existiu, por meio da “tradicionalidade”:

A tradicionalidade manifesta-se como apego irredutível ao passado. Um estudo de normas preserva a sua continuidade. Impregna as atividades contemporâneas com suas propriedades. Os indivíduos, entendidos como entes históricos, possuem a tradicionalidade em sua práxis (GOLIN, 1989, p. 11).

No ano de 1954, os membros das entidades fundadas a partir de 1948 reuniram-se em Santa Maria para discutir os rumos que iriam tomar: se o movimento se preocuparia com a seleção de seus participantes ou se as manifestações populares deveriam ser evidenciadas. Foi então que o trabalho de Barbosa Lessa, com o título de *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo* transformou-se em “tese-matriz”. Nela, se encontram ideias conservadoras de como a sociedade pode fortalecer o grupo social em um pensar e agir coletivamente, adaptando as pessoas para o convívio social de acordo com o que os tradicionalistas consideram adequado:

A cultura, assim, tem por finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na sociedade. Toda a cultura inclui uma série de técnicas que ensinam ao indivíduo, desde a infância, a maneira como comportar-se na vida grupal. E graças à Tradição, essa cultura se transmite de uma geração a outra, capacitando sempre os novos indivíduos a uma pronta integração na vida em sociedade (MTG, 2019).

O outro documento norteador do Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Carta de Princípios, foi instituído no VIII Congresso Tradicionalista, ocorrido em Taquara no ano de 1961. Ela foi redigida por Glaucus Saraiva¹² e contém vinte e nove metas instrutivas de como os tradicionalistas devem agir em prol do movimento: os artigos a seguir demonstram a preocupação com a manutenção de preceitos do Movimento Tradicionalista.

VII - Fazer de cada CTG um núcleo transmissor da herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.

VIII - Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes (MTG, 2019).

Outro artigo versa sobre a aculturação do imigrante, o que supõe a troca e aquisição de valores referentes ao regionalismo organizado: “XVIII - Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais” (MTG, 2019). Percebe-se a importância dada à propaganda, pois ela divulga as ações do movimento tradicionalista gaúcho, dando ênfase ao arquétipo do gaúcho e suas atividades.

O contraponto ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), foi organizado em 2007, por meio do Manifesto contra o Tradicionalismo. Ele apresenta 38 argumentos em oposição ao movimento. Entre eles:

3. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele não é a Tradição, mas se arrogou de seu representante e a transformou em elemento de sua construção simbólica, distorcendo-a, manipulando-a, inserindo-a em uma rede gauchesca aculturadora, sem respeito às tradições genuinamente representativas das diversidades dos grupos sociais (GOLIN, 2007, p. 3).

O Manifesto contra o Tradicionalismo retrata a preocupação dos intelectuais contemporâneos com as ações do MTG e repercussão das mesmas, quando a “tradição gaúcha” é vista como algo criado, e não como algo inerente ao povo rio-grandense:

10. Somos contra o Tradicionalismo, por ele se fazer passar por uma Tradição, desmentida pela própria história de sua origem, ao ser inventado através de uma bucólica reunião de estudantes secundaristas, em 1947, no colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre (GOLIN, 2007, p. 3).

¹² Também fundador do 35 CTG.

O Manifesto defende a multiculturalidade e suas expressões, enquanto o MTG divulga o modelo do gaúcho como representante cultural do RS:

25. Somos contra o MTG, porque, ao se transformar arbitrária e oficialmente em uma imagem gentílica, se converteu em um movimento de intolerância cultural no Rio Grande do Sul e em outras regiões do Brasil e do mundo, através de instalações de CTGs que não respeitam as culturas locais, que invadem como intrusos localidades de tradições milenares, usurpando seus espaços, destruindo sua poética popular e deturpando sua arquitetura. Nessa operação, o Tradicionalismo não é uma “representação” aceitável da cultura sulina, mas o instrumento de uma “aculturação”, da não inserção dos grupos migrantes nas culturas locais, transformando-se, de fato, em agente de destruição (GOLIN, 2007, p. 7).

A Carta de Princípios é anterior à fundação oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho, mas segue sendo um documento orientador. O MTG congrega todos os CTGs, Departamentos e Piquetes¹³. Ele organiza os eventos estaduais, define as diretrizes para os eventos regionais e regras para as entidades afiliadas. Antes da oficialização do MTG, em 1966, foi criado no governo do Estado, em 1954, o Instituto de Tradição e Folclore, vindo ele a se chamar Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, em 1974. Para a sua direção geralmente foram nomeados tradicionalistas¹⁴.

No ano de 1964¹⁵ foi oficializada a Semana Farroupilha no estado, sendo que o Palácio Piratini, sede do governo, recebe, desde então, a Chama Crioula. Também o Desfile Farroupilha, com organização da Brigada Militar e tradicionalistas foi oficializado. Em 1988 foi criada a lei que institucionaliza o “ensino de folclore em todas as escolas estaduais”. Em 1989 foi oficializada a “pilcha” como “traje de honra e de uso preferencial no estado, e deixando sua caracterização a cargo dos ditames e diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho” (OLIVEN, 1990, p. 36).

Assim, o MTG vem se mantendo como movimento de identidade gentílica do Rio Grande do Sul. É o que sintetiza Golin:

¹³ O Departamento pode ser parte de outra entidade ou clube. Ele se envolve com as “tradições” através de atividades, como danças, declamações... Enquanto que os piquetes, geralmente se envolvem com a parte campeira, relacionada às cavalgadas e rodeios.

¹⁴ Inclusive já teve diretores que foram os fundadores do 35 CTG: Hélio José Moro Mariante, Glaucus Saraiva da Fonseca e João Carlos D’Avila Paixão Cortes. Também foi seu diretor o apresentador de TV Antonio Augusto da Silva Fagundes e o cantor Elton Saldanha. Tem como função o estudo e preservação da cultura gaúcha e é um órgão ligado à Secretaria de Cultura do RS.

¹⁵ É interessante notar que nesse ano os militares tomam o poder no país; logo facilitar a entrada do MTG no Piratini é reconhecer a afinidade do movimento com o autoritarismo. Golin escreve: “Deveras, o MTG entende que não prejudica o seu bom nome participar efetivamente do Estado militar, implantado no país a partir de 1964, início do sufoco das aspirações populares” (1983, p. 79).

Desde que o Movimento Tradicionalista Gaúcho conseguiu realizar a operação vitoriosa de se “legitimar” como o mediador do processo de construção da identidade gntílica, inserindo-se nas esferas de governo (instituindo-se mesmo como instância do estado e seu aparato burocrático) e na sociedade civil durante a ditadura militar, a intelectualidade rio-grandense tem realizado diversos esforços para tentar apreender o fenômeno, identificado como “tradicionalismo” ou “gauchismo” (2008, p. 87).

O Movimento Tradicionalista Gaúcho foi gestado desde o século XIX, com a criação do Partenon Literário e dos Grêmios Gaúchos, passando pelo século XX com o Grupo dos Oito, fundação do 35 CTG e demais entidades. Chegou ao século XXI tendo inúmeras entidades afiliadas.

2.5 A perpetuação do mito e o pedagogismo do MTG

De acordo com Golin, o tradicionalismo é um prolongamento de uma cultura de massa (2004, p. 10), não de uma “sociedade tradicional”, pois no Rio Grande do Sul houve uma “sociedade de classes do tipo escravista alicerçada na propriedade privada”, onde o arquétipo do gaúcho é revivescido no mundo tradicionalista. Os tradicionalistas “lutam pela eternização do passado. Não de todo o pretérito, somente da herança estancieira” (GOLIN, 1989, p. 51), mesmo que há mais de meio século os latifundiários pecuaristas não sejam a supremacia econômica do Estado:

O estado, há praticamente quarenta anos, deixou de ser uma hegemonia exclusiva da fração latifundiária. Passou pelo fortalecimento da economia imigrante e, hoje, de forma independente, está determinado pelo capitalismo monopolista internacional. As alterações tecnológicas e materiais do campo são surpreendentes. Contudo, a cultura ainda preserva o seu corte ruralista não contemporâneo e o Tradicionalismo é a maior entidade do gênero que se tem notícias (GOLIN, 1989, p. 15 e 16).

Os tradicionalistas reverenciam o passado e o fazem de diversas maneiras, especialmente por meio de um calendário de eventos anuais, no qual os rituais se repetem e se perpetuam. Para Golin, é “uma visão de comportamento em relação ao passado sobre o qual não existe unanimidade sequer entre os tradicionalistas e, muito menos, os seus princípios têm o endosso da intelectualidade rio-grandense (2004, p. 46). Alguns eventos que fazem parte do calendário tradicionalista e dão seguimento as ações do MTG são: o Congresso Tradicionalista, a Convenção Tradicionalista, a Festa Campeira do Rio Grande do Sul (FECARS), o Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (ENART), a Semana Farroupilha, o Concurso de Peões e o Concurso de Prendas. Eles ritualizam em variados momentos, inclusive com apoio midiático:

É campo fértil às fantasias e aos rituais garantidos por um robusto e intenso calendário de eventos, sustentado em seus momentos grandiosos, por uma impressionante rede de comunicação moderna – televisões aberta e por assinatura, rádios, jornais, revistas e internet (GOLIN, 2004, p. 11).

O 1º Congresso Tradicionalista foi realizado em 1954, tendo como presidente Manoelito de Ornellas; em 2019, aconteceu em São Borja sua 67ª edição. A função do congresso é o encontro e deliberação dos Conselheiros do MTG, dos coordenadores das Regiões Tradicionalistas e demais envolvidos com o movimento. Nele, são apresentadas as teses tradicionalistas.

A Convenção Tradicionalista, que pode ocorrer extraordinariamente, tem por finalidade fazer, atualizar e divulgar os regulamentos que norteiam o movimento. É constituída pelo Conselho Diretor, Junta Fiscal, Conselho de Vaqueanos, Coordenadores Regionais e Conselheiros Beneméritos. A 1ª Convenção ocorreu em Jaguari, no ano de 1968, no CTG Invernada do Chapadão. Em 2019, em sua 87ª edição, aconteceu em Jaguarão.

A Festa Campeira do Rio Grande do Sul (FECARS) tem como um dos objetivos “promover o intercâmbio através de suas lides campeiras, integrando os participantes das diversas Regiões Tradicionalistas do Rio Grande do Sul, de forma que não se apague o rastro dos hábitos e costumes típicos gaúchos rio-grandenses” (MTG, 2019). A 1ª FECARS aconteceu em Passo Fundo, no ano de 1989. Em 2019, aconteceu em Xangrilá, na sua 31ª edição.

O Encontro de Arte e Tradição Gaúcha (ENART), em seu regulamento, no Art. 1º, especifica a finalidade do mesmo sendo “a preservação, valorização e divulgação das artes, da tradição, dos usos e costumes e da cultura popular do Rio Grande do Sul” (MTG, 2015). Ele ocorre nas etapas regional, inter-regional e final, essa sempre na cidade de Santa Cruz do Sul.

A Semana Farroupilha, que acontece desde 1947, denominada inicialmente de Ronda Crioula pelo Departamento de Tradições do Colégio Júlio de Castilhos, é um momento considerado especial pelos tradicionalistas, que realizam uma rememoração da história, hábitos e costumes considerados tradicionais pelo movimento, por meio de atividades nos Centros de Tradições Gaúchas, geralmente do dia 13 ao 20 de setembro. Na capital do RS, Porto Alegre, acontece o Acampamento Farrapo, no Parque da Harmonia.

O Concurso Estadual de Peão e Guri Farroupilha (Entrevero de Peões) tem como objetivo “o incentivo ao estudo da história, da geografia, do folclore, do tradicionalismo gaúcho, da cultura típica gaúcha, especialmente a que tem origem nos campos do nosso pago gaúcho”. O evento propicia a demonstração de habilidade: campeira com o cavalo, artística (dança, declamação) e manual no artesanato em couro (MTG, 2015). Em 2019, o evento ocorreu em Rio Grande, em sua 31ª edição.

O Concurso Estadual de Prendas¹⁶, assim como o Concurso Estadual de Peões, ocorre em três instâncias: interna (da entidade), regional e estadual. Tem por objetivo “divulgar e resgatar brinquedos e brincadeiras folclóricas, linguagem, artesanato, culinária, indumentária, música, usos e costumes, literatura, credices e superstições e outras, através da Mostra Folclórica” (MTG, 2015). Também proporciona a apresentação artística (dança tradicional, declamação, música e canto), além da execução de avaliação pela prova escrita. O evento ocorreu em sua 49ª edição em 2019, no município de Lajeado.

Ao estimular a competição e escolher os mais preparados para representá-lo, o MTG aplica parte de seu pedagogismo¹⁷. Os vencedores servem como modelos para todos os demais, que sentem-se estimulados a imitar os bem-sucedidos¹⁸:

Hoje, o Tradicionalismo faz os homens disputarem desde a roupa que vestem (gaúcho mais bem pilchado) até obras artísticas mais complexas. O concurso é o grande responsável pela canalização de inúmeros concorrentes, oriundos dos próprios quadros do tradicionalismo. Mas fundamentalmente conseguiu arregimentar – de maneira notável – milhares de pessoas. O imenso aparato de apoio à execução dos concursos encarregou-se de levar seu universo ideológico à totalidade da população (GOLIN, 1983, p. 99).

A bibliografia indicada para a 51ª Ciranda Cultural de Prendas (concurso), de acordo com a Nota de Instrução 01/2020 segue nos quadros, a não ser o conteúdo de geografia que estaria num polígrafo produzido pelo Departamento de Concursos do MTG e que seria disponibilizado posteriormente às Coordenadorias das Regiões Tradicionalistas.

¹⁶ A cargo das primeiras prendas estaduais fica o Seminário Estadual de Prendas, que em março de 2019 congregou os tradicionalistas em Giruá. Outro evento que reúne os jovens é o Acampamento Estadual da Juventude Gaúcha, acontecendo concomitantemente o Tchencontro Estadual da Juventude Gaúcha.

¹⁷ É necessário muito estudo, de vasta bibliografia indicada, para galgar os postos de representantes do MTG. Essa bibliografia dissemina o ideário que o movimento considera como importante para a reprodução de conceitos norteadores.

¹⁸ Refiro-me aos detentores de títulos oriundos de concursos de prendas, peões; competições artísticas e campeiras em várias modalidades.

Quadro 1 - Bibliografia para as prendas mirins

Bibliografia indicada	Autor(es)	Editora
Cevando o Mate	Glênio Fagundes	Rigel
Folclore na Escola	Neusa Scechi	MTG/FCG
Resgatando a diversão da Piaçada	Saullo Dutra, Gustavo Moreira e Rafael Costa	MTG/FCG
Coletânea da Legislação Tradicionalista	MTG	MTG
Danças Tradicionais Gaúchas	MTG	MTG
Manual do Tradicionalismo -2ª ed.	Manoelito Carlos Savaris	MTG/FCG
Rio Grande do Sul, aspectos do folclore	Lilian Argentina e outros	Martins
ABC do Tradicionalismo Gaúcho-8ª ed.	Salvador Ferrando Lamberty	Martins
Rio Grande do Sul no imaginário social	MTG/FCG	MTG/FCG
Cadernos Piá de 2017 a 2021 *2019 apenas as edições de janeiro a maio	Suplemento Jornal Eco da Tradição	MTG/FCG
Indumentária Gaúcha -Diretrizes atuais	MTG	MTG

Fonte: MTG, 2020

Quadro 2 - Bibliografia para prendas juvenis e adultas

Bibliografia indicada	Autor(es)	Editora
Cevando o Mate	Glênio Fagundes	Rigel
“35 CTG” Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho	Cyro Dutra Ferreira	“35 CTG”
Símbolos Cívicos	Ivo Benfato	
Coletânea da Legislação Tradicionalista	MTG	MTG
Danças Tradicionais Gaúchas	MTG	MTG
Manual do Tradicionalismo – 2ª ed.	Manoelito Carlos Savaris	MTG/FCG
Rio Grande do Sul, Aspectos do Folclore	Lilian Argentina e outros	Martins
ABC do Tradicionalismo Gaúcho – 8ª ed.	Salvador Ferrando Lamberty	Martins
Rio Grande do Sul no imaginário social	MTG/FCG	MTG/FCG
Cadernos Piá de 2017 a 2021 *2019 apenas as edições de janeiro a maio	Suplemento Jornal Eco da Tradição	MTG/FCG
Indumentária Gaúcha- Diretrizes atuais	MTG	MTG
Tradicionalismo Gaúcho Organizado	Paulo Roberto Fraga Cirne	Evangraf
O Folclore da Mulher Gaúcha	Elma S’antana e Delizabete	Seggioralto
MTG 50 anos de Preservação e Valorização da Cultura gaúcha	Org. Rogério Bastos	MTG/FCG
História do Rio Grande do Sul – 9ª ed.	Moacyr Flores	Martins
1º Fórum Tradicionalista – Carta de Princípios	MTG	MTG
Origem da Semana Farroupilha – Primórdios do MTG		J.C. Paixão Cortês

Fonte: MTG, 2020

Para os rapazes e meninos, a bibliografia indicada para o 32º Entrevero Cultural de Peões (concurso) é a seguinte, de acordo com a Nota de Instrução 01/2020:

Quadro 3 - Bibliografia indicada para guris e peões

Bibliografia indicada	Autor(es)	Editora
Cevando o Mate	Glênio Fagundes	Rigel
“35 CTG” Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho	Cyro Dutra Ferreira	“35 CTG”
Símbolos Cívicos	Ivo Benfato	
Coletânea da Legislação Tradicionalista	MTG	MTG
Danças Tradicionais Gaúchas	MTG	MTG
Manual do Tradicionalismo – 2ª ed.	Manoelito Carlos Savaris	MTG/FCG
Rio Grande do Sul, Aspectos do Folclore	Lilian Argentina e outros	Martins
ABC do Tradicionalismo Gaúcho – 8ª ed.	Salvador Ferrando Lamberty	Martins
Rio Grande do Sul no imaginário social	MTG/FCG	MTG/FCG
Cadernos Piá de 2017 a 2021 *2019 apenas as edições de janeiro a maio	Suplemento Jornal Eco da Tradição	MTG/FCG
Indumentária Gaúcha- Diretrizes atuais	MTG	MTG
Tradicionalismo Gaúcho Organizado	Paulo Roberto Fraga Cirne	Evangraf
Campeirismo Gaúcho – orientações gerais	Cyro Dutra Ferreira	MTG/FCG
MTG 50 anos de Preservação e Valorização da Cultura gaúcha	Org. Rogério Bastos	MTG/FCG
História do Rio Grande do Sul – 9ª ed.	Moacyr Flores	Martins
1º Fórum Tradicionalista – Carta de Princípios	MTG	MTG
Origem da Semana Farroupilha – Primórdios do MTG		J.C. Paixão Cortês
Mala de Garupa (Costumes Campeiros)	Raul Annes Gonçalves	Martins
O Cavalo no Folclore do RGS	Lilian Argentina	MTG/FCG

Fonte: MTG, 2020

Quadro 4 - Bibliografia indicada para os piás

Bibliografia indicada	Autor(es)	Editora
Cevando o Mate	Glênio Fagundes	Rigel
Folclore na Escola	Neusa Scechi	MTG/FCG
Resgatando a diversão da Piaçada	Saullo Dutra, Gustavo Moreira e Rafael Costa	MTG/FCG
Coletânea da Legislação Tradicionalista	MTG	MTG
Danças Tradicionais Gaúchas	MTG	MTG
Manual do Tradicionalismo -2ª ed.	Manoelito Carlos Savaris	MTG/FCG
Rio Grande do Sul, aspectos do folclore	Lilian Argentina e outros	Martins
ABC do Tradicionalismo Gaúcho-8ª ed.	Salvador Ferrando Lamberty	Martins
Rio Grande do Sul no imaginário social	MTG/FCG	MTG/FCG
Cadernos Piá de 2017 a 2021 *2019 apenas as edições de janeiro a maio	Suplemento Jornal Eco da Tradição	MTG/FCG
Indumentária Gaúcha -Diretrizes atuais	MTG	MTG
Campeirismo Gaúcho – orientações gerais	Cyro Dutra Ferreira	MTG/FCG
O Cavalo no folclore do RS	Lilian Argentina	MTG/FCG
Campeirismo Gaúcho e sua importância social e cultural	Fabiano Vencato	MTG/FCG

Fonte: MTG, 2020

Todos os concursos estão programados para ocorrer anualmente em nível estadual, regional e nas entidades, dando suporte para que o mito do gauchismo se perpetue e atraia mais adeptos. A palavra pedagogismo¹⁹ refere-se a uma pedagogia repleta de ideologia, no caso, do tradicionalismo, a qual os integrantes do MTG utilizam para disseminar seus valores aos que frequentam as casas tradicionalistas. Várias são as formas de atuação deste pedagogismo, além dos concursos, que vão desde palestras internas²⁰ até programação com os eventos anuais em espaços públicos e outras instituições, onde o modelo do gaúcho estancieiro, além de reverenciado, é simbolicamente ressignificado:

Dessa forma, os CTGs, como embaixadas que trafegam como expressão deformada do Sul nos outros estados brasileiros e no exterior, acabam fixando em suas populações a “lente étnica” que, simbolicamente, ilude suas vidas sobre o Rio Grande do Sul (GOLIN, 2004, p. 48).

Juntamente com o modelo de ser ou parecer gaúcho tradicionalista, aparecem as normas que ditam como devem ser o comportamento, o modo de vestir, agir e falar, a fim de se configurar uma sociedade homogênea. De acordo com a *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo* (MTG, 2020), o tradicionalismo deveria se estender ao espaço escolar, onde as professoras ensinariam sobre a tradição do MTG. Existem diversos educandários que adotam a prática, nos quais:

Deve, o Tradicionalismo, operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o movimento tradicionalista não desapareça com a nossa geração. Porque nós - os tradicionalistas de primeira arrancada - entramos para os Centros de Tradições Gaúchas movidos pela necessidade psicológica de encontrar o "grupo local" que havíamos perdido ou que temíamos perder. Mas as gerações novas não chegaram a conhecer o grupo local como unidade social autêntica, e somente seguirão nossos passos por força de impulsos que a educação lhes ministrará (MTG, 2020).

Porém, do viés histórico, adotar nas escolas a “cartilha” proposta pelo MTG é ir contra a educação para o “pensar”. Esta pode ser alicerçada no trabalho do educador brasileiro Paulo Freire, que tem na sua metodologia, a análise do contexto do educando como ponto de partida para a produção de conhecimento. Isso não ocorre com o MTG, que possui um discurso

¹⁹ Golin aborda a maneira singular que o tradicionalismo gaúcho atua: “Situa-se sob o prisma da desconstituição da tradicionalidade, que tem na Revolução Farroupilha o seu fenômeno inaugural e gerador permanente de fatos, mantida pelas comemorações cívicas, rodeios, festivais, ciclos, seminários, congressos, livros, jornais, rádios, revistas e pela vigilante produção cultural de órgãos diretamente criadores de acontecimentos; os animadores da tradicionalidade” (GOLIN, 1989, p. 84), o que está relacionado com o seu pedagogismo.

²⁰ Para sócios da entidade.

opressor, quando entra nas escolas apresentando a sua cultura, inferiorizando as demais, pois abre mão da alteridade.

Conforme Golin, estaria o ensino, enquanto fomentador do MTG, favorecendo um olhar enaltecido ao mito estancieiro, representante da classe latifundiária, expressa na imagem do gaúcho tradicionalista:

No Rio Grande do Sul, para auferir se uma escola está falida pedagogicamente, basta identificar a existência em sua estrutura de uma “invernada artística”, especialmente mirim. O educandário, o lugar ideal e constituinte para “saber” e “compreender”, o espaço para aprender a “pensar”, quando se transforma em apêndice de CTG, manda a boa pedagogia (inclusive a conservadora erudita) que, para preservar a sanidade mental dos alunos, seja fechada. Essa escola deixou de ter função minimamente educativa, no sentido clássico do termo, e se converteu em instrumento ideológico, embretando o aluno de forma que veja difusamente o mundo a partir de uma estância simbólica (2008, p. 96).

Atualmente, o MTG conta com várias²¹ entidades filiadas em outras federações brasileiras e até fora do país, além daquelas filiadas no estado, que por meio de seus integrantes, realizam práticas de aculturação. O conceito de aculturação é, conforme Willems, citando Robert Redfield, Ralph Linton e Melville J. Herskovits: “os fenômenos resultantes do contato direto e contínuo entre grupos de indivíduos representantes de culturas diversas, e as subsequentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos” (1980, p. 21). Ainda, sobre a suposta harmonia que é representada no tradicionalismo, nas relações entre padrão e peões, Del Ré discorre:

A cultura gaúcha reinventada pelo tradicionalismo fez, exatamente, a negação das origens dos conflitos sociais na produção pastoril, os quais segregam os trabalhadores do campo dos privilégios e da condição abastada do estancieiro. O latifúndio e seus elementos peculiares legaram elementos ímpares, com simbolismos marcantes, e um passado de exclusão social, negado na harmoniosa retórica tradicionalista, onde o elemento chamado gaúcho funciona como agregador das diferenças para uma nova cultura, baseada em uma tradição apaziguadora e detentora das mais nobres virtudes (2010, p. 20)

Este capítulo abordou a história do MTG e as práticas que o movimento realiza para continuar se perpetuando como entidade representante do gentílico rio-grandense. No próximo capítulo, discutiremos onde se localiza e como se formou o município de Selbach, local de fundação do CTG Estância do Imigrante.

²¹ Oliven cita 2342 entidades tradicionalistas existentes no Brasil, sendo 866 localizadas fora do Rio Grande do Sul (2006, p. 145) e 16 entidades tradicionalistas fora do país (2006, p. 123).

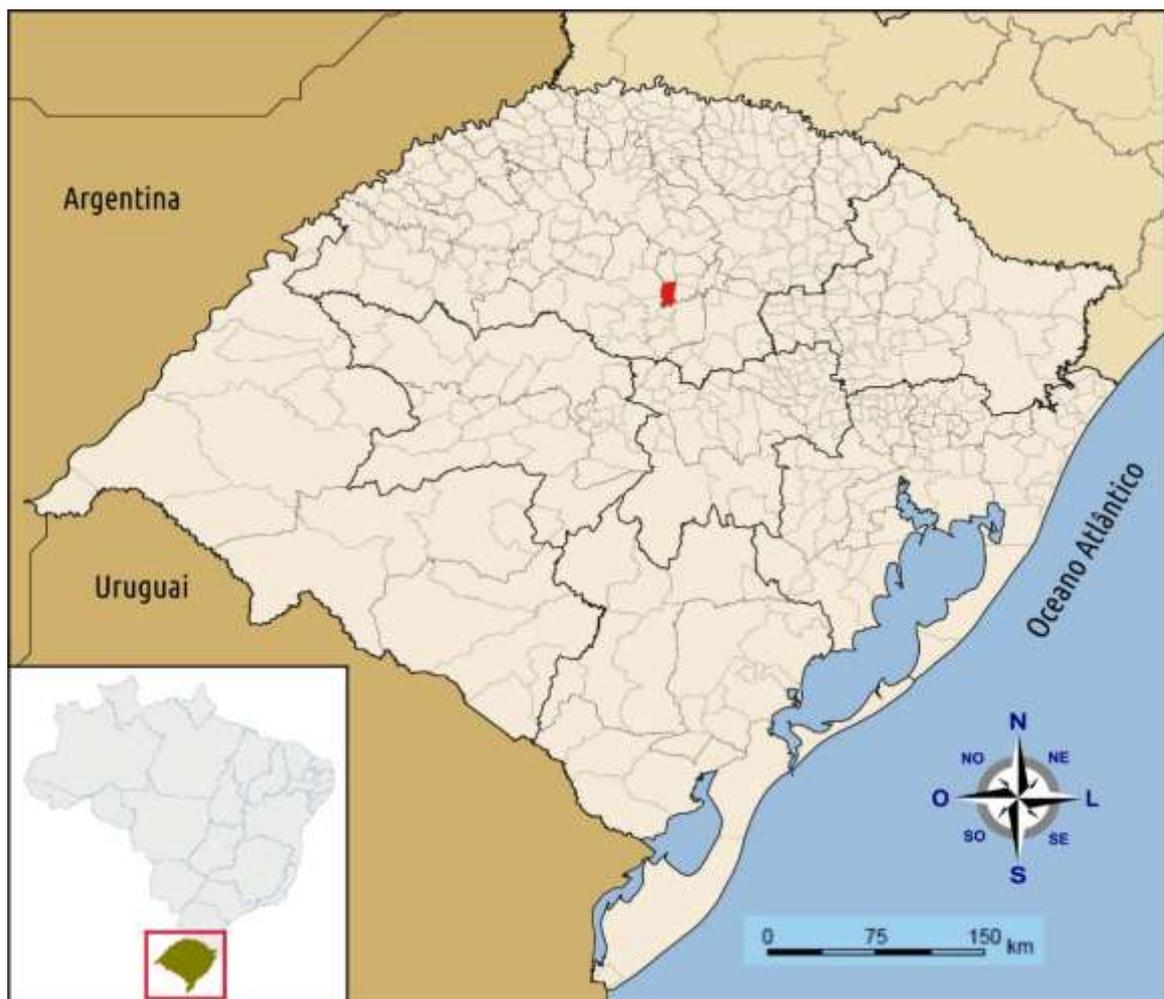
3 SELBACH

Este capítulo *visa fazer uma caracterização do* município de Selbach, especialmente sua economia, cultura e a população que nele vive. Discute, por outro lado, a formação histórica do município, marcada pela migração e pela colonização.

3.1 Localizando Selbach

O município de Selbach localiza-se no noroeste do Rio Grande do Sul, com uma altitude de 404 metros em relação ao nível do mar. Sua distância à capital Porto Alegre é de 280 km (SELBACH, 2019). De acordo com o Censo Demográfico do IBGE realizado no ano de 2010, a população do município atingiu 4929 habitantes, distribuídos em uma área de 178,642 km².

Mapa 1 - Localização de Selbach no Rio Grande do Sul



Fonte: Wikipedia, 2021

Selbach possui a economia alicerçada na agricultura, destacando-se no plantio da soja, do trigo e do milho. Também teve uma significativa produção de leite em 2018 (IBGE, 2018), além da criação de suínos. É o que podemos constatar nos dados da Tabela 1.

Tabela 1 – Produção de Soja

Ranking	Município	Produção em toneladas
1°	Tupanciretã	359040
2°	Palmeiras das Missões	316200
3°	Cruz Alta	200000
126°	Três Passos	23940
128°	Selbach	23520
130°	Humaitá	23460
391°	Feliz	1

Fonte: IBGE, 2018

Com relação a soja, Selbach produziu 23520 toneladas do produto em 2007, 335520 toneladas a menos que Tupanciretã, o município do estado que mais produz. Ou seja, tem uma produção que equivale a 6,5% do primeiro colocado.

Tabela 2 – Produção de Trigo

Ranking	Município	Produção em toneladas
1°	Palmeiras das Missões	56000
2°	Muitos Capões	54000
3°	Giruá	49680
78°	Carazinho	6840
78°	Selbach	6840
81°	Três Passos	6720
346°	Gramado Xavier	3

Fonte: IBGE, 2018

Na produção de trigo, Selbach fica no 78° lugar no RS, assim como o município de Carazinho, com uma produção de 6840 toneladas, enquanto o primeiro colocado, Palmeiras das Missões, produziu 56000 toneladas em 2007; ou seja, Selbach produziu o equivalente a 12,2% do que produziu Palmeiras das Missões.

Tabela 3 – Produção de Milho

Ranking	Município	Produção em toneladas
1°	Muitos Capões	108000
2°	Canguçu	84000
3°	Vacaria	82800
149°	Gentil	15000
149°	Selbach	15000
152	Miraguaí	14850
488°	Cachoeirinha	2

Fonte: IBGE, 2018

Na produção de Milho, Selbach se iguala ao município de Gentil, na 149ª colocação no estado, com uma produção de 15000 toneladas, produzindo 13,8% do que produz Muitos Capões.

Tabela 4 – Produção de Leite

Ranking	Município	Produção em Unidade: litros x1000
1°	Ibirubá	60400
2°	Crissiumal	52000
3°	Santo Cristo	50781
36°	Selbach	24863
37°	Nova Candelária	24664
493°	Esteio	14
497°	Balneário Pinhal	1

Fonte: IBGE, 2018

Na produção leiteira, Selbach fica na 36ª colocação, com uma produção de 24863 milhões de litros de leite em 2018, 39537 milhões a menos que o maior produtor do RS, o município vizinho de Ibirubá; ou seja, Selbach produz 41,1% do que produz Ibirubá.

Tabela 5 – Produção de Suínos

Ranking	Município	Unidade-cabeças
1°	Santo Cristo	21491
2°	Pinhal	19045
3°	São Pedro do Butiá	16210
24°	Selbach	4697
25°	Muçum	4500
491°	Dom Pedro de Alcântara	2
495°	Capão da Canoa	1

Fonte: IBGE, 2018.

Com relação a criação de suínos, Selbach fica na 24^a colocação no estado, atrás de Santo Cristo (1^o colocado) que tem 16794 cabeças a mais; ou seja, Selbach produz 21,8% em relação à produção de Santo Cristo.

Sobre a educação, a população conta com seis instituições de ensino, sendo quatro delas municipais e duas estaduais. Selbach não possui escolas da rede privada (SELBACH, 2019). De acordo com o censo de 2019 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), as matrículas da Educação Infantil da rede municipal que se concentram na zona urbana são 104 na modalidade de Creche em turno integral e 116 na Pré-escola, também em turno integral, que compreendem atendimento durante todo o dia; enquanto que na zona rural as matrículas em regime parcial se estendem a 18 crianças na Pré-escola e não há atendimento em turno integral. Na rede estadual localizada na zona urbana, 191 crianças estão matriculadas nos Anos Iniciais no regime parcial, que compreende atendimento em um turno escolar, sendo que 133 são matriculadas nos Anos Finais também em regime parcial. Na zona rural, a rede estadual possui 15 matrículas nos Anos Iniciais e 28 nos Anos Finais, todas em regime parcial. O atendimento aos alunos do interior do município na rede municipal contabiliza 57 matrículas no atendimento parcial dos Anos Iniciais e 7 com atendimento no turno integral, sendo que 48 crianças e adolescentes estão matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental em regime parcial. O Ensino Médio é ofertado apenas na cidade, por meio da rede estadual, e contempla 85 jovens no sistema parcial. Assim, contabilizam-se 629 estudantes atendidos na cidade e 173 na zona rural, no total de 802 crianças e jovens.

O município faz parte da Rota das Terras, oferecendo ao visitante a oportunidade de conhecer alguns pontos turísticos. Entre eles: Monumento do Imigrante, Mini Mundo Encantado, Casa Urban, Recanto do Mel (*Honigecke*), Sala do Artesão de Selbach, Igreja Matriz São Tiago, Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Santuário Nossa Senhora da Saúde, a Cabanha Bogorny, o Haras Pinno e o Camping Vale Verde. Selbach recebe visitantes na *Blumenfest* (Festa das Flores), uma feira que envolve a comunidade em geral nas atividades de visitação aos espaços gastronômicos, de artesanato, da indústria e do comércio, além das atividades culturais, como apresentações de artistas locais, estaduais e nacionais.

Figura 2 - Recanto do Mel



Fonte: Recanto do Mel, 2021.

A arquitetura do Recanto do Mel (Figura 2) é característica e remete à germanidade, assim como a arquitetura do pórtico de entrada da cidade de Selbach (Figura 3). Ambas são em estilo enxaimel:

Figura 3 - Pórtico da entrada no município de Selbach



Fonte: Rádio Planetário, 2021.

Traços da germanidade também estão presentes na escrita gótica da identificação do Mini Mundo Encantado (Figura 4) e do prédio da Prefeitura Municipal de Selbach (Figura 5).

Figura 4 - Mini Mundo Encantado



Fonte: Turismo, 2021.

Figura 5 - Prédio da Prefeitura de Selbach



Fonte: SELBACH, 2021.

Outro evento que se destaca é o Concerto de Maio, promovendo o Canto Coral do município e região. O canto coral agrega lazer à comunidade, por meio da apresentação de cantos para as celebrações religiosas. Na atualidade continuam presentes, não só nas igrejas, mas em momentos festivos, fúnebres e demais solenidades, envolvendo pessoas em uma prática artística que se tornou costume e expressão de sentimentos.

O Kerb, a festa para comemorar o dia do(a) padroeiro(a) da comunidade católica da Paróquia São Tiago acontece anualmente, e é motivo de encontro de famílias. Além da missa, são preparadas refeições a partir de receitas deixadas pelos antepassados. O baile, no salão paroquial, é animado com músicas de bandinha, valsas, polquinhas e chotes, sendo a bebida principal a cerveja, denominada popularmente de “chopp”. Houve algumas mudanças no decorrer dos anos, pois as famílias não são mais tão numerosas quanto no passado e porque a festa foi recriada culturalmente.

Roche, historiador francês que estudou a colonização alemã no Rio Grande do Sul, escreveu sobre a festa do Kerb, descrição que se parece bastante com a festa realizada em Selbach:

O Kerb – A mais típica das colônias é a festa votiva da paróquia, o Kerb (abreviatura de “*Kircheweihsfest*”) [...] Geralmente começa com um culto solene ou missa cantada, de manhã [...] Tomam-se as refeições em família, ao redor de imensas mesas copiosamente guarnecidas, porque grande número de parentes que vivem nos distritos vizinhos ou nas cidades, vem nesse dia. À noite, sempre há baile. Constitui o essencial do Kerb. A sala das festas é ornamentada com ramagens, palmas, festões de flores de papel-crepom, o parquet encerado com vela, mesas compridas fazem a volta da sala, permitindo que muitos grupos se sentem uns ao lado dos outros (ROCHE, 1969, p. 642).

O território de Selbach está dividido em sete comunidades rurais, além do núcleo citadino: Bela Vista, Linha Floresta, São Pascoal, Santa Isabel, Arroio Grande, Passo do Padre e Santa Terezinha. Percebe-se a forte influência católica, pela denominação dos povoados e pelas atividades anualmente realizadas.

Uma suposta germanidade, presente no discurso oficial local, pode ser avaliada com base na nomenclatura das ruas da cidade de Selbach, considerando junto as ruas do distrito Arroio Grande, num total de 67 ruas. Oito delas não são denominadas por nome de pessoas, mas por datas: rua XIII de Maio, rua 22 de Setembro, rua 15 de Novembro; denominação de municípios próximos: rua XV de Novembro, rua Carazinho, rua Tapera, rua Tunas; e sentimento: rua Boa Esperança. Das 67 ruas, 59 tem nomes de pessoas: sete ruas têm nomes de pessoas não alemãs, enquanto que 52 são identificadas com sobrenomes de origem alemã. Ou

seja, 88% das ruas com nome de indivíduos homenageiam pessoas com sobrenome alemão. Dessas 52 ruas, apenas seis delas, o equivalente a 11% do total, receberam o nome de mulheres. São elas: Iraci Terezinha Hammes Huppés, Celina Assunção Hansen, Catarina Lenhardt, Elzira Klein, Sofia Predger e Maria Utzig.

Nesses dados sobre a nomenclatura das ruas do município de Selbach, é possível perceber que outras etnias, além da alemã, possuem pouca representatividade. Os indígenas e caboclos não são contemplados. Os nomes das ruas evocam a germanidade e fazem uma demarcação do território.

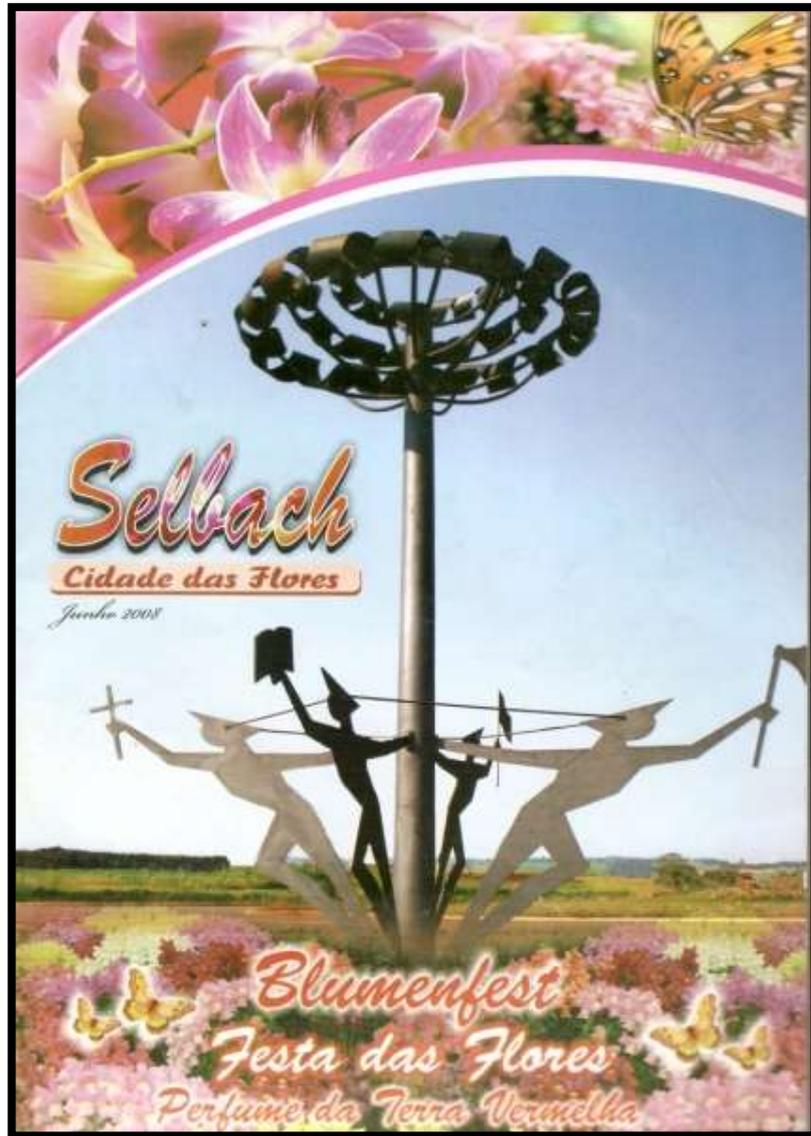
Em 2008 foram comemorados os “100 Anos de Colonização Alemã em Selbach”, e foi instalado, no trevo principal de acesso à cidade, um monumento de seis metros de altura, cujos autores foram Leonardo Flach, Rudi Seger, Luís Reichert e Arlindo Ludwig. Esse monumento (Figura 6) demonstra a importância dada à chegada dos primeiros descendentes de alemães no município, que vieram das colônias velhas, como marco identitário.

A germanidade consiste na “vinculação cultural à nação de origem” (SEYFERTH, 2012, p. 18), no caso, a Alemanha, num discurso onde a identidade coletiva está “baseada na ideia de uma comunidade étnica constituída por ascendência, língua e costumes” (SCHULZE, 2008, p. 21).

Wilhem Vallentin, em seu relato de viagem sobre o Brasil publicado em 1909, destacou a germanidade no Rio Grande do Sul de maneira “exagerada e etnocêntrica” (GERHARDT, 2017, p. 35), quando relata o apego dos imigrantes à Alemanha. No livro “Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul” consta uma menção ao município:

...colônia Coronel Selbach, povoada exclusivamente por alemães católicos. O nome se deve ao primeiro dono das terras, o comerciante Jacob Selbach, amplamente conhecido. O assentamento todo, somando a picada Barra do Colorado e Arroio Grande deve contar com 350 a 450 famílias católicas... (AMSTAD, 1924, p. 593).

Figura 6 - Monumento comemorativo



Fonte: Selbach, 2008, capa.

No centro do monumento, retratado na Figura 6, há a representação de uma araucária, simbolizando a madeira: uma das riquezas que atraiu os colonizadores. As figuras humanas representam os descendentes de imigrantes alemães que “desbravaram” a terra, com a intenção de “buscar novos horizontes”, segurando instrumentos de valor identitário e simbólico:

A cruz simboliza a fé cristã, católica, que deveria ser professada pelos primeiros povoadores da região e que, ainda hoje, é vivenciada pela comunidade selbachense. O livro caracteriza a educação, que foi uma das maiores preocupações dos desbravadores, em estabelecer escolas que atendessem não só a necessidade de alfabetizar e aprender cálculos, mas também a aprender o catecismo e apegar-se a valores. O machado, principal instrumento usado na abertura das primeiras clareiras na mata virgem para fazer brotar da terra vermelha “a rima perfeita do chão, do grão e do pão”. A bandeira simboliza a origem do povo que deu início à história desta

comunidade, e conseqüentemente contribuição da cultura e valores que consolidaram o progresso desta terra (SELBACH, 2008, p. 17).

Sobre o termo “mata virgem”, é possível perceber o mesmo discurso nos relatos de viajantes do século XIX que, ao registrarem suas viagens, “desconsideravam alguns milhares de anos de presença dos vários grupos indígenas no Sul da América, ou melhor, adotavam uma rígida separação entre selvagens e civilizados e entre natureza e cultura” (GERHARDT, 2013). Ainda: “Os selvagens, aqueles que pertencem à selva, faziam parte do mundo natural e sua ação, mesmo que transformasse o ambiente, não era considerada como cultura” (GERHARDT, 2013). Por isso, mesmo que a mata tenha sido modificada por grupos indígenas, essa ação não foi levada em conta, o que explica a ideia de mata intocada, mesmo ela tendo sido explorada anteriormente à chegada dos colonos alemães.

Os símbolos utilizados no monumento fazem rememorar a época da colonização alemã, criando um discurso sobre o trabalho, a educação, a religiosidade e a identidade étnica ligada a germanidade, que eram muito fortes na comunidade. Aurélio Porto, que reforça essa imagem dos colonizadores de origem alemã, escreve:

Gente ordeira, pacífica, trazendo da pátria originária as noções de uma disciplina que foi, em todos os tempos, o penhor da grandeza teutônica, o alemão, transplantado para a América, veio continuar, aqui, as suas tradições inigualáveis de trabalho orgânico e construtor. Paciente e forte, isolando-se, completamente, no mundo à parte que formara dentro de sua picada, nem por isso deseou das suas precípuas instituições de cultura, levando para os desertos que povoava, junto do pastor evangélico²², o professor primário para os filhos (1996, p. 222).

João Klug, escreve sobre Aldinger que viveu no Vale do Itajaí como professor e pastor no início dos anos 1900, onde: “Igreja e escola seriam, portanto, instituições a serviço de uma causa maior: a preservação da germanidade” (2017, p. 47). Na colonização de Selbach, essas instituições também estiveram presentes como mantenedoras dos costumes vividos pelos descendentes de imigrantes alemães. A ligação entre escola e catolicismo não abrangia a possibilidade de professar outra crença ou nenhuma, marcando fortemente a sociedade com valores católicos.

3.2 A colonização de Selbach

Em 1850, foi criada a primeira Lei de Terras que:

²² O que difere Selbach das demais colônias alemãs é o catolicismo. Enquanto a maioria proferia a religião evangélica, Selbach foi formada unicamente por colonos católicos.

...tinha mecanismos jurídicos tanto para impedir a posse de terras pela população pobre quanto para criar dificuldades a que os abastados se apossassem de grandes extensões. Mas não impediu, na prática, que grandes extensões fossem apropriadas de forma ilícita (ZARTH, 1997, p. 75).

Pela Lei de Terras de 1850 “os colonos foram chamados pelo governo provincial e por particulares exatamente para serem pequenos proprietários” (ZARTH, 1997, p. 72). Porém, a “população regional” ficou desamparada pela lei, pois não conseguiu se apropriar da terra que antes se utilizava:

A população de lavradores pobres e coletores de erva-mate foi por aquele diploma jurídico impedida de apropriar-se do solo. Essa população acabou sendo utilizada como força de trabalho nas estâncias, após a abolição da escravidão, e nos próprios projetos de colonização como organizadores da infra-estrutura – estradas, desmatamento... Por essa razão é que os lavradores nacionais tinham dificuldades em tornar-se proprietários da terra que utilizavam (ZARTH, 1997, p. 77).

Também é provável que populações indígenas tenham ocupado, junto com os territórios vizinhos, as terras localizadas onde hoje se encontra Selbach, remetendo a uma ocupação de caingangues e guaranis bem antes da chegada dos descendentes de alemães. Por terem sido aldeados, mesmo oferecendo resistência, acabaram por modificar sua forma de vida tradicional. Outrora eram extratores que se deslocavam livremente e viviam das florestas. Hoje vivem nas terras indígenas, delimitadas.

A forma como ocorreu a colonização oficial do atual município de Selbach é específica, mas está inserida no contexto geral dos projetos de colonização. Durante a República Velha, o Coronel Jacob Selbach Júnior, membro ativo do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) adquiriu terras no grande município de Passo Fundo, iniciando, em 1905, um núcleo de colonização. Em sua dissertação de mestrado, Maria Lourdes Backes Hartmann comenta essa transação comercial:

Os latifúndios improdutivos foram vendidos pelos estancieiros a companhias colonizadoras ou a particulares. Este último, foi o caso de Selbach, cujas terras foram adquiridas em 1887, do Governo Federal, pelo Coronel Jacob Selbach Júnior, homem de prestígio político, de importantes responsabilidades republicanas e da confiança do Presidente do Estado, Dr. Júlio Prates de Castilhos [...] (HARTMANN, 2000, p. 20)

O governo estadual, então, incentivava a colonização de terras “devolutas” como forma de proteger o território. Assim Maestri explica a ação:

Com a formação de núcleos de camponeses proprietários, pretendia-se ocupar, proteger e defender regiões despovoadas e estratégicas da cobiça das nações estrangeiras e dos ataques de nativos e quilombolas. Em virtude das tradicionais disputas territoriais com a Espanha na América Meridional, o sul do Brasil foi uma das principais regiões a acolher colonos-camponeses europeus não lusitanos (MAESTRI, 2010, p. 125-126).

Ao vender os lotes, o Coronel Jacob Selbach Júnior tentou criar identidade religiosa e cultural das pessoas que iriam passar a integrar Selbach, sendo que os colonos deveriam preencher os seguintes requisitos para adquirir as terras: ser agricultor para realizar o desmatamento de seu lote, iniciando uma plantação de subsistência; ser católico visando a coesão da comunidade; e ser alemão para a unidade de hábitos, valores e atividades culturais (HARTMANN, 2000).

Nesse período, na visão do grupo social que estava no poder “O Brasil precisava de novo tipo de colonos, pequenos proprietários livres que cultivassem as terras de mata com o auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado” (WAIBEL, 1949, p. 10). Foi o que aconteceu na colonização de Selbach: “A política de colonização no Rio Grande do Sul visava solucionar primeiramente o problema que representava a ocupação da terra por intrusos e posseiros” (LANDO; BARROS, 1981, p. 79), o que ocorreu com a chegada dos imigrantes, que deveriam trabalhar a terra, “estabelecendo as bases para uma agricultura livre”:

Enquanto o latifúndio se baseia na exploração do trabalho alheio, constituindo-se numa forma pré-capitalista de produção, a pequena propriedade se fundamenta na exploração da terra por seu proprietário, ou no máximo na exploração familiar. E nesse sentido, a própria legislação impunha essa situação, exigindo, ao conceder terras aos imigrantes estrangeiros, que estes as explorassem com a sua própria força de trabalho, ou com o auxílio da mão-de-obra familiar, sendo expressamente proibida a exploração de escravos, conforme lei Provincial nº 183, de 18 de outubro de 1850 (LANDO; BARROS, 1981, p. 52).

De acordo com Hartmann, no atual município de Selbach:

O povoamento iniciou pelos lotes que corriam perpendicularmente aos pequenos cursos d'água e aos “travessões” anteriormente delineados, formam-se as “linhas de moradores”. A partir de 1905, se instalaram os primeiros colonos, todos de descendência germânica: Estevam Seffrin, Jacob Seffrin, Leopoldo Seffrin, Antônio Weiss, Luiz Heine, Nicolau Winck e Jacob Heckmann, no primeiro momento; após, numa segunda etapa os Bogorni, Reis (Rais), Maldaner, Brixner, Werlang, Alexius, Barth, Lutkemayer, Feldkircher, Engler, entre outros (HARTMANN, 2000, p. 21).

Além dos produtos coloniais vendidos ou trocados nas pequenas casas de comércio, como carne suína, banha, ovos, manteiga, milho, arroz e batatas, retirava-se da pequena

propriedade outra grande fonte de renda: a madeira. A indústria madeireira impulsionou a economia local, permitindo ao pequeno proprietário um significativo ganho financeiro (SELBACH, 1991). A fotografia é reveladora das vivências das pessoas no passado, retratando ações, documentando fatos e registrando eventos. Para Kossoy, as imagens fotográficas:

...representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica (2014, p. 61).

Isso pode ser observado nas fotografias empregadas como fontes nessa pesquisa. Na Figura 7, é possível perceber uma demonstração de fé que parte dos moradores de Selbach realizou ao acompanhar, em grande aglomerado de pessoas, o lançamento da pedra fundamental da igreja matriz católica.

Figura 7 - Evento da Igreja Católica



Fonte: Selbach, 2003.

Para Waibel, geógrafo alemão que estudou a colonização europeia no sul do Brasil, a coletividade formada pelos critérios impostos por Selbach Júnior para se candidatar aos lotes

favoreceram o sucesso da colônia. O geógrafo defendeu a unidade étnica e religiosa na colonização: “Minha ideia é formar várias pequenas comunidades europeias, de origem étnica uniforme, dentro da mesma área” (WAIBEL, 1949, p. 57). Ainda sobre a religiosidade, comenta:

É digno de ver-se como, aos domingos, vem colonos de todas as partes à igreja, de carroça ou a cavalo e, depois que termina o serviço religioso, ficam juntos conversando horas seguidas. Para o colono, o serviço divino no domingo é o acontecimento social mais importante da semana (WAIBEL, 1949, p. 58).

Figura 8 - Arrozal



Fonte: Selbach, 2003.

A Figura 8 nos mostra que a lavoura era tarefa da família, inclusive com a participação das crianças. A Figura 9 informa como eram transportados os produtos coloniais, produzidos em Selbach, até a cidade de Cruz Alta. Nela, aparecem várias carroças utilizadas como meio de transporte em 1930.

Figura 9 - Transporte de produtos coloniais



Fonte: Selbach, 2003.

Selbach é citada por Roche como uma das novas colônias de preponderância germânica, como pode se constatar no Mapa 1, que “desenvolveram-se, de preferência, na floresta subtropical, nas zonas de menos de 400 metros de altitude” (ROCHE, 1969, p. 128), onde havia o “mato primitivo”, ou seja, a Floresta Ombrófila Mista ou floresta com araucárias.

A área de terras localizada onde hoje se situa Selbach pertenceu a Passo Fundo e, em 1924, tornou-se o 9º distrito. Depois, pertenceu a Carazinho de 1931 a 1954, e a Tapera até 1964, quando iniciaram os movimentos em prol da emancipação de Selbach. Em 1965, tornou-se município. A Comissão Emancipacionista de Selbach foi assim constituída:

Presidente de Honra-Pedro Utzig, Presidente-Alcides Benno Utzig, 1º Vice-Presidente-Severo Werlang, 2º Vice-Presidente-Ermino Birk, 1º Secretário-Benno Ely, 2º Secretário-Olindo Feldkircher, 1º Tesoureiro-Lindolfo Guilherme Balensiefer, 2º Tesoureiro-Aloysio Haunss, Comissão Fiscal-Oscar Vicente Hartmann, Cláudio Utzig e Frederico Afonso Birk (SELBACH, 1980).²³

Na Figura 10, percebe-se o envolvimento da família Schneider, no ano de 1952, com os trabalhos na serraria.

Figura 10 - Representação de uma serraria



Fonte: Selbach, 2003.

²³ Todas as pessoas da comissão de emancipação de Selbach possuíam sobrenome alemão. Isso dá a ideia de que os líderes do então distrito estavam ligados a germanidade pela sua família de origem.

A serraria foi implantada em meio ao arvoredo, onde se percebe a presença de uma araucária e de uma árvore de outra espécie. A família que ali labutava incluía várias crianças, presentes na Figura 10, possivelmente reunidas para importante momento da fotografia. É razoável afirmar que os pequenos ajudavam nas tarefas e estavam ali não somente para participar do registro, sentadas em tábuas de madeira empilhadas.

Nas décadas seguintes, a agricultura foi se desenvolvendo e novas formas de produzir foram incentivadas. A mecanização ocorreu, mudando a paisagem com a presença de caminhões, camionetas, tratores e colheitadeiras, conforme registra a Figura 11. Ela ilustra a lavoura de Osvino Schaeffer, em 1975, e foi preparada alinhando-se as máquinas agrícolas para reforçar a imagem de uma agricultura mecanizada.

Figura 11 - Mecanização da lavoura



Fonte: Selbach, 2003.

É possível verificar a lavoura aberta, onde antes havia mata fechada. Nos fundos, atrás da colheitadeira, permanece um pouco da floresta. A colheita parece ser de trigo, uma cultura

muito difundida na região. Para a época, os maquinários eram evoluídos tecnologicamente, representando o que havia de mais sofisticado à disposição dos pequenos agricultores.

Este capítulo abordou Selbach: sua história, sua população, economia e cultura, contextualizando o município. No próximo capítulo, discutiremos a instalação do Centro de Tradições Gaúchas no município, sua fundação e as práticas tradicionalistas realizadas por seus sócios e sócias.

4 O CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE

O Centro de Tradições Gaúchas Estância do Imigrante é uma entidade filiada ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e congrega vários moradores de Selbach em torno dos fundamentos instituídos por Paixão Côrtes e seus companheiros. Este capítulo aborda a formação desse CTG em Selbach, um município marcado por um discurso de germanidade.

4.1 A primeira reunião

Na Churrascaria Huppés²⁴, foi organizada, em 13 de maio de 1980²⁵, a primeira reunião tendo como finalidade a criação de um CTG em Selbach. Os convidados ouviram uma explicação sobre a função de tal entidade, realizada pelo técnico da EMATER, Armili José Alves da Silva e o convidado Ari Streit, patrão do Grupo Folclórico Quatro Ventos, do município de Tapera. Ambos falaram sobre as atividades que um Centro de Tradições Gaúchas mantém e as tarefas que a diretoria deve cumprir. O prefeito em função, Jandir Cornelli, e o Secretário de Turismo, José Lorivaldo Flach colocaram a administração pública a disposição de todos para a criação da entidade (CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE, 1980b). Consta na Ata nº 01/1980, o nome de vários participantes dessa reunião inicial e de fundação do CTG e que fizeram parte da diretoria provisória. Eles são, na maioria, agricultores com sobrenome de origem alemã. Segundo o Jornal dos 20 anos (2000), a ideia de criar um CTG em Selbach foi de Armili José Alves da Silva, ainda no findar dos anos 1970. A princípio, a ideia não foi bem vista em virtude da maioria da população ser de origem alemã, segundo Maria Lourdes, mencionando uma conversa de Armili com seu pai Beno Ely:

Bom, em primeiro lugar, eu quero dizer que na época quando se falou em fundar um CTG foi a ideia dum ex-namorado meu, não tem porque mentir, ele era o meu namorado, o Armili José da Silva, inclusive noivos nós éramos, então ele como era técnico agrícola aqui em Selbach da EMATER e ele vinha lá da zona de Ciríaco, da terra dos caboclos, e lá realmente tinha CTG, a ideia dele era fundar um CTG aqui em Selbach; e ele seguidamente comentava isso com meu pai, lógico, na minha casa, falecido meu pai: Vou fundar um CTG; mas o meu pai com a ideia de racismo dizia assim: Homem do céu, como tu quer fundar um CTG em terra de alemão, isso não vingará, não vai dá certo! O meu pai dizia; o Armili dizia: Eu vou mostrar para este povo que isso vai dá certo sim, seu Beno! Porque o Armili era persistente e o meu pai já era um pouco mais negativo. Mas a ideia de fundar um CTG foi, foi e conseguimos,

²⁴ Em pleno funcionamento no município. Em anexo, funciona a padaria e confeitaria com a mesma denominação, sendo uma empresa familiar.

²⁵ Em 1980, as entidades esportivas e sociais que estavam em funcionamento no município de Selbach, entre cidade e interior, eram: nove clubes de Futebol, oito grupos de Bolão e cinco Clubes de Damas (SELBACH, 1980). A teuto-brasilidade se afirma nos grupos de Bolão.

como dizer assim, chamar meia dúzia, uma dúzia de pessoas para as primeiras reuniões (FRITSCH, 2020).

Armili almoçava no restaurante Hupples, onde encontrava Alfeu Ramos, jovem empresário na época, que instalou uma metalúrgica no município, sondando sobre a possibilidade. Ele foi lembrado por Renato Kuhn como o organizador do primeiro encontro. O convite:

Foi feito através do técnico da Emater, seu Armili. Mas afinal de contas, eu gostava de cavalo e tinha cavalo, era um grupo de sete que começamos, ou nove ou dez, não sei mais certo, era uma parceria ali. Através de diálogo de amigos que gostavam de cavalo, nós para o bem estar de todos, e que nós gostávamos mesmo era de rodeio, de fazer um CTG a partir dali (KUHN, 2020).

Luiz Kummer também lembrou de Armili:

É que deu uma conversa que vão fundar um CTG e aí tinha o técnico da Emater, que era muito nosso amigo, ele também procurava as pessoas, e eu era gaitero, isso que mais... assim gaitero meio principiante, e aí eu já me animei um pouco, talvez eu posso ir ajudar a turma ou ver alguma coisa, conhecer novas atitudes que podem surgir no momento, na época e também entrosar com o povo, antes existia ainda um grupo que eles falavam, meio assim que era tipo CTG, mas aquilo acabou meio parando, aquele técnico era muito incentivador, aí nós começamos, ele convocou, olha, vão lá fazer uma reunião, e aí eu fui (KUMMER, 2020).

Com a participação de outros munícipes a entidade foi criada. Nas memórias de uma entrevistada:

Inclusive meu pai dizia: Mas vocês realmente são persistentes e conseguiram fundar um CTG, aí claro, meu pai também fez parte da diretoria na época, porque não eram só crianças que participavam, crianças, jovens, eram adolescentes, senhores de idade; então a coisa cresceu que até hoje tá aí e sinto-me orgulhosa em dizer que eu fiz parte desse grande grupo que enfim é hoje o CTG Estância do Imigrante (FRITSCH, 2020).

Com relação a utilização de cavalos para cavalgadas e rodeios, os envolvidos na fundação do CTG não tinham muita familiaridade:

Mas naquela época havia poucos, muito poucos que sabiam encilhar um cavalo, a não ser os mais idosos, né, como o meu pai, e eu que hoje também já estou com a idade até mais avançada que o meu pai, eu era um piá naquela vez eu estava com 20 anos, quando partiu a ideia do CTG e assim foi indo, começamos a aticar, senão não funcionava (KUHN, 2020).

Figura 12 - Prendado



Fonte: CTG Estância do Imigrante, 1994.

Figura 13 - Primeiras Prendas



Fonte: CTG Estância do Imigrante, 1994.

Nas figuras 12 e 13 estão registradas as primeiras prendas que representaram o CTG Estância do Imigrante de 1981 até o ano de 1993. Também há o registro de um prendado realizado antes da fundação, englobando os anos de 1965 a 1967, demonstrando que no município de Selbach poderiam haver simpatizantes do regionalismo rio-grandense antes da oficialização da entidade. Nota-se que há um intervalo de nove anos entre a escolha das prendas da primeira e da segunda gestão.

O CTG considera fundadores as pessoas que compareceram e possuíam representatividade na primeira reunião, tendo uma função a desempenhar na entidade. No Quadro 5, observa-se o nome, o cargo ocupado no CTG e a profissão exercida no momento da fundação da entidade:

Quadro 5 - Fundadores

Nome	Cargo dentro do CTG	Profissão
Jandir Cornelli ²⁶	Prefeito de Selbach em função	Empresário (proprietário de posto de gasolina)
José Lorivaldo Flach	Secretário de Turismo	Professor e Agricultor
Ari Streit	Colaborador	
Armili Alves da Silva	Patão do CTG	Técnico da Emater
Alfeu Ramos	Vice patrão	Metalúrgico
Sadi Junges	Tesoureiro	Técnico agrícola
Olvides Mazzutti	Xirú das falas	Agricultor
Maria Ivone Borelli Erthal	Secretária	Professora
Laura Lorenzoni	Vice-secretária	Emater
Irineu Tischer	Departamento de promoções-Linha Cristal	Agricultor
Luis Afonso Kummer	DP-Linha Santa Fé	Agricultor
Genésio João Kummer	DP-Linha Floresta	Agricultor
José Paulo Staut	DP-Linha Santa Isabel	Agricultor
Romeu Rais (Reis)	DP- Linha Santa Isabel	Agricultor
Renato Afonso Kuhn	DP-Linha Bela Vista	Agricultor
Osmar Magni	DP-Linha Arroio Grande	Agricultor
Luiz Carlos Pezzini	DP- Linha Arroio Grande	Agricultor
Amaro Vendri (Wendling)	DP-Linha Santa Terezinha	Agricultor
Nilo Geisel	DP-Linha Santa Terezinha	Agricultor
Canísio Maldaner	DP-Linha São Pascoal	Agricultor
Hermes Pedersen	DP-Linha São Pascoal	Agricultor
Maria Lourdes Ely	DP-Sede-Cidade	Professora
Gilberto Peudler (Peuker)	DP-Sede-Cidade	Professor
Ary Werlang	DP-Sede-Cidade	Madeireiro
Amantino Roveda	DP-Sede-Cidade	Agricultor
Maurício Müller	DP-Sede-Cidade	Agricultor
Élcio Arenhart	Posteiro	Professor de dança

Fonte: CTG Estância do Imigrante, 1980b.

No Quadro 5, é possível verificar a pouca representatividade feminina presente no ato da fundação da entidade: de 27 fundadores, apenas 3 são mulheres, ou seja 11%. Hoje, no Movimento Tradicionalista Gaúcho, percebe-se um protagonismo feminino maior na participação e envolvimento com lideranças, visto que o maior cargo, o de presidente, foi

²⁶ Jandir Cornelli era o vice-prefeito de Selbach, junto com Paulo Werlang, de 1977 a 1983.

delegado a uma mulher, Gilda Galleazzi. Em Selbach, o CTG foi dirigido por duas mulheres, em gestões distintas. Foram patroas Mariza Kuhn e Vivian Nunes da Silva.

Dentre as pessoas listadas no Quadro 5, foram escolhidas aquelas que responderam um questionário semiaberto, através de entrevista gravada, sobre a fundação do CTG Estância do Imigrante. A escolha se deu pela possibilidade de encontro, proximidade de Selbach e disponibilidade do entrevistado (a).²⁷

4.2 Da fundação da entidade às práticas tradicionalistas

De acordo com o combinado na primeira reunião, o segundo encontro ocorreu no Salão Paroquial em maio de 1980²⁸. A entrevistada Maria Lourdes Fritsch lembra dessa reunião e destaca:

Pensou-se no estatuto, este estatuto foi fundado naquela época, onde a nossa secretaria era a Laura, que também era extencionista da Emater, tudo foi feito dentro dos conformes, criou-se então o primeiro elenco, tivemos um gaiteiro presente e também fazia parte do elenco, tínhamos um professor que vinha nos ajudar que ele era de Ibirubá, do Rancho dos Tropeiros. Seguidamente vinha um casal até Selbach nos auxiliar, inclusive o patrão do Rancho dos Tropeiros também vinha até Selbach prestigiar nossas reuniões e ajudar com as ideias, que eles já eram velhos e nós novos, então eles ajudavam a nós; como era, o Zezinho, patrão Zezinho de Ibirubá, isso aí (FRITSCH, 2020).

Nessas memórias, se percebe o papel dos extensionistas da Emater na organização inicial do novo CTG e a contribuição de pessoas de outro CTG, da vizinha cidade de Ibirubá - RS, particularmente de José Ramon do Nascimento, conhecido como patrão Zezinho. Sobre as atividades realizadas na reunião, Renato relata: “Fazer o estatuto, nós tinha que colocar a diretoria, todos os membros, foi o mais ideal e o principal escolher o patrão, todas as suas partes, a campeira e assim foi” (KUHN, 2020). Conforme Kummer:

Que fizeram a reunião, aí começaram a procurar alguém que escrevia a ata e depois começaram a dar cargos para alguns, aí a gente ficou com medo, eu peguei lá um rabinho, não sei, nem me lembro mais o que, mas em primeiro lugar quem pega algum cargo precisa, tem compromisso, tinha que assumir, tem que trabalhar, tem que ir em reunião, porque faltava tudo, a gente era novo, nem conhecia que precisava um estatuto, a gente foi formando, mas aquele que puxou a frente, aquele o Armili ele já era treinado, treinado não digo, mas ele já estava em outras fundações, ele já sabia como, tinha modelos de outros estatutos, tinha modelos, foi se estudando, melhorando

²⁷ Foram entrevistados Renato Afonso Kuhn, Luiz Kummer e Maria Lourdes Ely Fritsch.

²⁸ A fundação do CTG se deu cinco dias após a reunião inicial. Ressalta-se que a ideia inicial foi dada por Armili e Alfeu, ambos fundadores oriundos de outras cidades; ou seja, não nascidos em Selbach.

cada vez. A gente começou, aí depois já começaram a preparar uma nova reunião avisando aquele, aquele, aquele é interessado e a juntar gente (KUMMER, 2020).

Para Luiz, a primeira reunião causou preocupação, em virtude do compromisso de fazer parte da Patronagem, a diretoria da entidade. Realizaram, também, a escolha do nome da entidade, optando dentre as sugestões: CTG Coronel Selbach (dois votos), CTG Alto Jacuí Selbach (quatro votos), CTG Migração (um voto), CTG Estância da Amizade (onze votos) e CTG Estância do Imigrante, que teve aprovação da maioria dos presentes (CTG Estância do Imigrante, 1980b). Na denominação se percebe a contradição: a palavra Estância remete ao latifúndio pastoril, o que não ocorreu no território de Selbach, porque o imigrante labutou em pequenas propriedades agrícolas, buscando o sustento familiar.

Ao falar da função do cavalo na propriedade rural na década de 1970, Renato lembra a escolha da denominação da entidade:

O cavalo tinha que ser eliminado porque tinha que plantar soja, isso em qualquer cantinho. Pra dizer a verdade, aqui em Selbach, os animais estavam aqui só pra servir o homem no trabalho, era pra lavar, era pro passeio, eram o auto, essa era a função. Aqui em Selbach não existiam para laçar. Por isso o Estância do Imigrante, isso vieram os imigrantes, né, é por isso que foi colocado esse nome; porque na realidade ficou meia dúzia que gosta mesmo o restante não, até meus irmãos, a metade gosta por gostar, mas quem gosta ainda é o Pedro, que anda ainda o resto não, andar nem gostam; quem gosta mesmo sou eu e assim é em todas as famílias, a maioria nem 10 por cento gostam, nem cavalo não precisava existir aqui em Selbach. E assim foram eliminados os cavalos para dá espaço para o soja (KUHN, 2020).

Para Luiz, assim como para Maria Lourdes, o apoio do patrão Zezinho, vindo de Ibirubá, foi importante para aprender das normas tradicionalistas:

Para fundar mesmo também ajudou um de Ibirubá, do município vizinho o CTG Rancho dos Tropeiros, lá tinha aquele, eu não me lembro mais, o Zezinho aquele vinha muitas vezes na reunião e apoiava também; e os de Tapera, nas danças, depois, cada vez mais, quando nós formamos o grupo de danças e o elenco do CTG Guido Mombelli veio ajudar nós, eles ensinavam, aí eu e o meu irmão Gilberto dançava, esses primeiro, depois, quando eu peguei a gaita eu caí fora, não tinha par, mas acompanhava sempre (KUMMER, 2020).

A entidade criada foi a 600ª a se filiar no MTG, demonstrando que sua fundação ocorreu tardiamente em relação às demais, num cenário de final de ditadura em um momento no qual a indústria midiática do rádio e da televisão vendia o produto da cultura gauchesca em larga escala, por meio de programações relacionadas ao tradicionalismo. O programa Galpão Crioulo foi citado pelos três entrevistados, quando perguntados: “Olha, quando foi possível, todo o final de semana, quando possível sim” (KUHN, 2020), “Isso sempre, sim, domingos de manhã,

geralmente era, esses anos, sim nós sempre assistia ele, e a Rádio Ibirubá, tinha programas gauchescos, o Chimarrão da Amizade; isso era bom. Isso a gente assistia e olhava” (KUMMER, 2020). Também Maria Lourdes afirmou:

Olha, várias pessoas assistiam, porque era do interesse da gente, agora não posso dizer que todos assistiam esses programas, porque a gente estava crescendo, estava começando o CTG, lógico, a gente tinha que se envolver mais, então era por aí, assistindo os programas de TV pra poder crescer, para poder melhorar. Até a gente comentava: Meu deus, mas lá o CTG tem o fardamento²⁹ assim, as prendas usam o vestido diferente do nosso, porque nosso é de uma cor só, porque lá as invernadas usam vestido mais curto (FRITSCH, 2020).

Na terceira reunião, ocorrida em 31 de maio de 1980, na Churrascaria de Guido Huppés, a pauta tratou do valor da joia para associar-se à entidade; das regras para fazer parte da invernada artística; e da troca da diretoria provisória para a patronagem anual. O secretário de turismo e presidente da câmara de vereadores entregou livros para estudo sobre danças, indumentárias e caderno de Folclore do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE, 1980b).

De acordo com o Jornal dos 20 Anos (2000), ocorreu um encontro para a formação do grupo de danças, em 19 de julho, no salão paroquial da comunidade católica de Selbach. O grupo realizava:

Apresentação - Os ensaios aconteciam no antigo Salão Paroquial, animados pelo patrão Armili e sua gaita. Mais tarde, passaram para o salão novo. A invernada artística do Estância aprendeu os primeiros passos na dança galponeira com seus colegas do CTG Guido Mombelli (Taperá), com Evaldo Gengnagel. A primeira apresentação foi em um fandango no Guido Mombelli, em 1980. Em Selbach, a primeira apresentação foi em 19 de setembro de 1980, nas comemorações da semana do Município (CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE, 2000, p. 02).

No ano da fundação, os dançarinos do elenco artístico do CTG, em sua maioria, assim como os fundadores, também eram de origem alemã:

Quem fez parte da invernada do CTG Estância do Imigrante na época, era nossa parceria, que realmente se mostrou interessado e participava das reuniões, então foi montado quem entraria na invernada. Temos a citar: o Paulo Maldaner, o Antônio Wendling, o Genésio Tonello, o Gilberto Peudler, Gilberto Kummer, o Luiz Kummer, que eu me lembro... Alfeu Ramos mais fez parte da diretoria, mas não quer dizer que de vez em quando não fazia parte da invernada; e das gurias, então era, a Dete Maldaner, a Rosália, a Angela Seger, eu também, no caso, fazia parte do elenco, dancei várias músicas, eu me lembro muito bem: a cana-verde, o pezinho, e me lembro muito bem, macaco velho; quem mais, a Sirlei Wendling, inclusive o pai dela seu ÁlvaroWendling, fez parte da patronagem; sei que nós era uma turma assim de uns

²⁹ Relativo à indumentária usada com a mesma padronagem e modelo.

doze, umas doze pessoas não falha uma, de vez em quando que sobrava uma, mas nós éramos bem persistentes e a gente gostava do que fazia, e a primeira patronagem foi, ficou então Armili José da Silva, o sotacapaz, o Álvaro Wendling, o Alfeu Ramos, a Laura da Emater como era o sobrenome dela, ah, Lorenzoni, o meu pai Beno Ely, o Darci Ely, meu pai, meu irmão; enfim, tudo envolveu-se por causa do meu ex-namorado³⁰, senão a gente nem saberia da coisa (FRITSCH, 2020).

Na Ata nº 4, registro da reunião ocorrida em sete de agosto de 1980, os assuntos predominantes foram: a organização do primeiro baile, previsto para 13 de setembro, a participação na Semana do Município, com a construção de um galpão crioulo provisório para apresentações, sendo que para ambos foram criadas comissões de trabalho. Também trataram do concurso da escolha da Primeira Prenda e da compra de terreno para a construção da sede (CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE, 1980b).

Na Ata nº 5, referente à reunião ocorrida em 17 de setembro do mesmo ano, aparece a prestação de contas através das notas dos gastos e cálculos do lucro do baile e da janta. Retomou-se o assunto da participação nas programações da Semana do Município, desta vez com maiores detalhes: no dia 19 de setembro, sexta-feira, presença no Galpão Crioulo montado na feira, com atividades artísticas e almoço festivo; participação no desfile cívico, alguns de cavalo e outros no caminhão; no dia 20 de setembro, sábado, Alvorada Festiva desde as cinco horas, percorrendo as ruas da cidade. Ainda, trataram das correspondências recebidas e da procura de um terreno para a construção da sede (CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE, 1980b).

Como não havia muitos cavalos disponíveis para a realização do desfile cívico, o então patrão desfilou com o cavalo de Kuhn:

Que nem o primeiro cavalo e o primeiro desfile que foi feito; esse cavalo eu peguei e emprestei pro patrão, eu digo: O senhor pega aqui o cavalo e o senhor vai desfilar; porque era o único que foi apresentado naquele dia, o senhor pegue a bandeira, como é o patrão, seu Armili, tinha assumido, foi o primeiro patrão, e eu me paro. E eu vou dizer uma coisa: Aquilo foi doído, eu senti no coração... Mas como gaudério mais ou menos de respeito, eu tive que fazer isso. E eu era um piá (KUHN, 2020).

De acordo com Renato “E a indumentária era a minha camisa e as botas, mas o resto era emprestado do seu Armili, lenço e bombacha ele que me emprestou, essas que eu estou em cima do pingo” (KUHN, 2020), ou seja, as roupas consideradas tradicionais, denominadas de indumentária gaúcha ou pilcha, foram emprestadas, pois não era do uso cotidiano e os fundadores não as possuíam.

³⁰ Maria Lourdes confirma o protagonismo de Armili (seu namorado na década de 1980) na fundação e nas atividades iniciais do CTG Estância do Imigrante.

Na entrevista, Kuhn lembrou que na primeira reunião para fundar um CTG estavam presentes os representantes das comunidades interioranas e que ele e seu irmão Pedro participaram, a convite do técnico da Emater, Armili da Silva, que explicou como funcionava a diretoria da entidade. O encontro foi na Churrascaria Huppes, no dia 13 de maio de 1980. Para o ato cívico da semana do município, em setembro de 1980, Renato adquiriu um cavalo, que foi emprestado para o patrão do CTG desfilar com a bandeira da entidade, pois o mesmo não possuía um animal. A camisa e as botas eram de Renato, mas a bombacha e o lenço foram emprestados pelo Armili, pois essas roupas³¹ não eram de uso costumeiro dos fundadores (KUHNS, 2020).

Sobre a atividade de laçar, Kuhn disse que todos os integrantes da campeira tiveram de aprender a “rebolear o laço”, ou seja, até então não tinham familiaridade com a prática. Os mais velhos influenciaram os mais novos para que gostem de rodeios e cavalgadas. O primeiro rodeio promovido pelo CTG aconteceu no final da década de noventa, bem depois da fundação, por intermédio dos cavalarianos, grupo que se tornou a parte campeira da entidade, sendo que o terreno e os terneiros eram emprestados para a realização do evento. Além da participação e organização de rodeios, também fazem cavalgadas e carreiras. Assistia ao programa Galpão Crioulo, mas agora não assiste mais porque está envolvido com rodeios no final de semana (KUHNS, 2020).

Havia indícios do uso da bombacha, no Uruguai, por descendentes turcos, em 1830. Os demais homens vestiam-se com chiripás, bragas ou calças-corridas. As lojas da época tinham seus estoques abastecidos pela Inglaterra e foi de lá que vieram as primeiras peças comercializadas por aqui, especialmente depois da Guerra do Paraguai³²:

Grande parte dos empórios rio-platenses eram abastecidos pelos ingleses. Durante a década de cinquenta do século passado³³, as fábricas britânicas produziam milhares de peças para o fardamento do exército da Turquia, em especial para a sua cavalaria. O país encontrava-se em litígio com a Rússia. A necessidade dessa “fabricação” reproduziu igualmente o “pantalão turco”, ou a von vacha, indumentária comum a diversos cavaleiros (GOLIN, 1989, p. 39).

³¹ Edinéia Pereira da Siva Betta, em sua tese de doutorado, trata da indumentária gaúcha. Para ela: “A indumentária é tida como um meio que proporciona ao sujeito experimentar a imagem idealizada, ao estabelecer relações entre o sujeito espectador e a imagem. O mesmo sujeito que se “reveste” de gaúcho consegue imaginar como será observado por outros espectadores, já que se sente o próprio gaúcho, por estar vestido como tal. O sujeito, literalmente, experimenta da imagem” (2018, p. 20).

³² Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança formada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, por motivos expansionistas. Foi de dezembro de 1864 até março de 1870, deixando o Paraguai um país arrasado, com um saldo de milhares de mortos.

³³ Referindo-se a meados de 1850.

Os combatentes da Guerra do Paraguai eram, em sua maioria, negros e mestiços. Os hábeis cavaleiros se destacavam. Logo, a sua indumentária, a bombacha, foi vestida como uma espécie de “medalha”, repleta de simbolismo, proveniente daqueles que combateram. Esse fardamento, oriundo da Inglaterra, (país que produziu o mesmo para os soldados turcos da Guerra da Criméia) tinha suas sobras vendidas em lojas localizadas na Bacia do Prata, ou recebidas pelos soldados cavaleiros como farda militar para as batalhas. Depois, foram sendo reproduzidas pelas “costureiras crioulas”:

A bombacha espalhou-se introjetando uma contradição: por um lado era sobra de guerra, resto de fardamento; portanto. Digna da peonada, dos gaúchos andantes, etc. Por outro, representava a medalha popular ostentada por essa mesma plebe. Uma maneira de afirmar a sua participação em um evento “superior” (GOLIN, 1989, p. 41).

Os Clubes Gaúchos, organizados no modelo orquestrado por João Cezimbra Jacques, “impregnaram a bombacha de honradez regional, situando-a na esfera do civismo” (GOLIN, 2004, p. 53) e, em 1920, a bombacha fazia parte da indumentária masculina, distinguindo a classe social pela qualidade dos tecidos.

A partir do aparecimento dos CTGs, em 1947, a peça se torna a “mais típica do Estado, a qual identificou os rio-grandenses e toda a “tradição” de origem latifundiária” (GOLIN, 2004, p. 53). Milhares de pessoas, sem ligação com o campo, “assumiram o aspecto imagético do estilismo tradicionalista, que inventou toda uma complexa simbologia para a roupa típica e converteu a bombacha em emblema dessa cruzada” (GOLIN, 2004, p. 53 e 54). A “bombacha se universalizou como a peça mais típica do estado, a qual identificou os rio-grandenses e toda a tradição de origem latifundiária” (GOLIN, 1989, p. 42), perdendo a sua origem plebeia, passou a balizar o “universo estancieiro” dos CTGs. Golin diz que há duas bombachas: uma de tecido simples, usada de fato pelas camadas mais pobres da população; e outra ideologizada, turística (essa usada pelos tradicionalistas). Consta, ainda que: “O justo sentimento popular, identificativo da peonada, foi invertido” (GOLIN, 1989, p. 43).

Luiz relata, ao falar das apresentações no vizinho município de Tapera, que igualmente fez empréstimos com o patrão Armili, assim como seu irmão Gilberto:

A prefeitura nossa, sorte que a prefeitura sempre doava os micro ônibus pra nós ir pra fora, aí nós ia lá em Tapera nos fandango com bombacha emprestada, aquele patrão tinha umas 7 bombacha, eu e o Gilberto meu irmão, nós ia com a bombacha dele no primeiro, aí logo providenciaram bombacha, camisa nós tinha, e o lenço nós compramos logo, depois foi confeccionado pro elenco, e aí cada um se fez uma, mas o elenco aquela vez queriam padronizar, fizemos meio igual as cores, depois cada um já podia fazer mais algum; fandangos vizinhos, lá em Tapera nós ia e em Ibirubá, é os que mais nós fomos. Aí nós fomos; começamos a ir nos rodeios; e o nosso baile depois

foi feito uns bailes mistos, meio ali, com o CTG, mas não podia ser a rigor senão só estava nós e algum que veio. Não tinha todo mundo de bombacha (KUMMER, 2020).

Figura 14 - Apresentação do grupo de danças



Fonte: CTG Estância do Imigrante, 2000, p. 02.

A Figura 14 representa a primeira apresentação do grupo de danças do CTG Estância do Imigrante em Selbach, que ocorreu em um baile no Salão Paroquial Católico, em setembro de 1980.

Figura 15 - Rifa de moto



Fonte: CTG Estância do Imigrante, 2000, p. 03.

Na Figura 15 observa-se que outras atividades foram organizadas pelos integrantes da instituição, como o sorteio de uma rifa em benefício do CTG, cujo prêmio era uma motocicleta, a fim de angariar fundos para a construção da sede social.

O funcionamento do elenco artístico, com ensaio e apresentações de danças gauchescas, permanece em atividade até hoje. Há turmas: Dente-de-leite, Mirim, Juvenil e Adulta. Nem sempre todos os grupos estavam em funcionamento ao mesmo tempo, em virtude de pouca procura para participação, foram cancelados um ou outro, e retomados quando os pares de dançarinos estavam em número suficiente, com ensaios semanais e apresentações em eventos do próprio CTG e fora dele, como festas do município e das comunidades, rodeios³⁴, concursos, fandangos em entidades convidadas, Chá das Vovós, entre outros.

Esses eventos são frequentados pelos fundadores e seus filhos, como afirma Luiz: “[...] o que eu mais gosto, é as missas crioula; as missas crioulas nós sempre temo mantendo, até uma missa crioula dos anos, báh, eu tenho toda filmada, mas faz 15 anos atrás, o Tiago era um gurizinho assim e tocou” (KUMMER, 2020). Ele prossegue:

Olha, eu participo pouco hoje, né, mas não que eu sou contra, porque a gente gosta e que nem agora até uma parte, que eles tem, agora uns dez anos pra cá, que é essa parte dos Reis, agora final do ano, que foi tão linda, até fomos surpreendidos, eles visitaram nós esse ano; e ficamos muito felizes e agradecidos e nós fomos na Festa de Reis lá no CTG, e isso eu acompanhei vários anos com a gaita, o Tiago³⁵ tá acompanhando agora esse ano, acompanhou tudo, nós fazemos parte, isso é bonito, eu imagino que faz parte da tradição, isso nós estamos acompanhando a rigor [...] (KUMMER, 2020).

Luiz Kummer interessou-se pelo tradicionalismo gaúcho à convite do Armili, que chamou-o para a primeira reunião, sabendo que ele era gaiteiro. Mais tarde, Luiz aprendeu músicas gaúchas, com partituras, tendo auxílio do primeiro patrão do CTG. As danças tradicionais foram aprendidas com o pessoal do CTG Guido Mombelli, da vizinha cidade de

³⁴ Rodeio é um evento festivo (transformado em esporte) que envolve principalmente atividades relacionadas à pecuária, onde o gado bovino (por cabeça) é laçado, num terreno delimitado. A corda utilizada para laçar é trançada com tiras de couro, e lançada no boi pelo sujeito montado no cavalo. Aquele que faz o lançamento se diz gaúcho (pelo modo da montaria e pela sua própria indumentária, que estão de acordo com as normas do MTG). Essa atuação se espelha nas labutas pastoris realizada nas estâncias da campanha do Rio Grande do Sul nos séculos XVII e XVIII, em campo aberto. Tau Golin explica que: “Na atualidade, os rodeios nas estâncias e fazendas do Rio Grande do Sul – com algumas exceções – não são mais realizados em campo aberto. Quase todo o trabalho é feito em mangueiras, com utilização de bretes e outros instrumentos que agilizam a produção. A técnica levada ao latifúndio definiu novas relações de trabalho” (GOLIN, 1983, p. 105). Esse novo processo de produção fez com que o peão de estância perdesse seu emprego, pois dele não se precisava mais o trabalho de busca do gado no campo (tratamos sobre isso no início do presente trabalho). No rodeio também pode haver disputas artísticas (dança, canto, declamação, trova...), mas o centro das atenções se volta ao “tiro de laço”, numa festividade que se esquece que o latifúndio transformado em “empresa agropecuária” deixou rastro de pobreza pelos campos riograndenses, quando o peão (tão aclamado no rodeio) perdeu seu “ganha pão”.

³⁵ Tiago é o filho mais velho de Luiz.

Tapera. A orientação sobre o funcionamento de uma entidade tradicionalista foi realizada por um tradicionalista do CTG Rancho dos Tropeiros, seu Zezinho. Viajaram para fandangos em outras cidades com micro-ônibus da prefeitura municipal. O grupo, inicialmente, usava bombachas emprestadas pelo então patrão Armili; até ficarem prontas as do uniforme. A partir daí, todos possuíam a indumentária (KUMMER, 2020).

Ainda conforme o entrevistado Luiz Kummer, logo no início da entidade, os bailes aconteciam em sede emprestada e eram bailes mistos: as pessoas podiam participar usando qualquer indumentária. Quando o galpão do CTG ficou pronto, a exigência para poder dançar na pista era de ir pilchado, com a roupa de acordo com os parâmetros do MTG. A família assistia ao programa Galpão Crioulo todos os domingos e escutava o programa Chimarrão da Amizade da Rádio Ibirubá. Com relação a sua participação atual, Kummer está mais restrito ao Terno de Reis³⁶ e à Semana Farroupilha, mais especificamente à Missa Crioula, no auxílio aos cantos da celebração. Ele ensinou outros gaiteiros, teve vários alunos: nem todos seguiram tocando, em virtude de outras prioridades que surgiram. Durante vários anos, tocou para que as invernadas dançassem, especialmente em apresentações. Atualmente é mais da família, da tradição alemã de ir visitar os vários irmãos e cunhados. Eventualmente participa de jantares e fandangos. Lembra que o filho Tiago também participou da invernada de dança e, algumas vezes, tocou gaita para os colegas (KUMMER, 2020).

Luiz Kummer finaliza dizendo que o CTG deve continuar suas atividades porque faz parte do município e ele é de todos³⁷. Ainda, cita o lema da entidade: “O gaúcho aqui e em qualquer chão, sempre cultuando a tradição.” De acordo com o que Luiz revelou, não havia familiaridade com a música dita gaúcha até a intervenção do patrão Armili. Até então, ele tocava músicas clássicas que outra professora lhe ensinara. Nisso consiste a ideia que a cultura do MTG foi aprendida, pois, além da indumentária, o estilo³⁸ de música também foi adotado.

As missas crioulas são celebrações do mundo católico que foram adaptadas (em termos de palavreado, cantos, liturgia, vestuário e acessórios) para o regionalismo gaúcho. Em Selbach, geralmente na semana farroupilha, os católicos se deslocam da Igreja matriz³⁹ São Tiago para

³⁶ Encenação da visitação dos reis magos ao menino Jesus, logo depois de seu nascimento. Um grupo de cantores representantes do CTG, no caso selbachense, visita algumas famílias escolhidas naquele ano, fazendo a anunciação do nascimento de Jesus (numa evidente ligação à igreja católica) e convidando a mesma para um jantar na casa tradicionalista. A família visitada se estiver de acordo em fazer uma doação, para a posterior refeição coletiva, recebe os artistas abrindo janelas e portas da residência. A visita geralmente é feita de madrugada.

³⁷ Quando diz: “É de todos” quer dizer que a cultura executada no CTG pode ser estendida para todos os cidadãos; mas o CTG é uma entidade privada e seus associados pagaram uma “jóia” (valor em dinheiro) para se associar.

³⁸ Com letras geralmente retratando a vivência do gaúcho idealizado pelo MTG.

³⁹ Igreja que congrega todas as comunidades da zona urbana e do interior do município. Localizada na cidade, em frente a praça central e próxima a prefeitura.

a sede do CTG Estância do Imigrante, onde o sincretismo do Catolicismo e Tradicionalismo acontece. Conforme Tau Golin, essa prática remete para tempos monárquicos:

Todos necessitavam professar a religião do “Estado”, o catolicismo, uma evidente herança monárquica, pois o movimento republicano, universalmente, desde a Revolução Francesa, separara a Igreja do Estado (GOLIN, 1989, p. 72).

Por mais que o Estado passou a ser laico na era da república, os latifundiários mantinham sua religiosidade ligada à Igreja Católica. Nesse sentido, para Golin: “particularmente, o Rio Grande do Sul gerido por uma classe estancieira-militar não deixava de expressar a sua identidade com a Igreja que resistia romper com a perspectiva latifundiária tradicional” (1989, p. 77).

Interessante frisar que a Carta de Princípios, em seu artigo X diz “Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais, que tem como característica essencial a absoluta independência de sectarismos político, religioso e racial”, portanto a religiosidade não deveria ter lugar nos galpões de CTG... No cenário do galpão:

No que diz respeito à igreja, cabe ressaltar o surgimento da missa crioula com uma liturgia inspirada na temática gauchesca na qual Deus é chamado de “Patrão Celestial”, a Virgem Maria de “Primeira Prenda do Céu” e São Pedro de “Capataz da Estância Gaúcha (OLIVEN, 1990, p. 37).

No caso de Selbach, a grande adesão às celebrações católicas pode estar ligada à história da colonização, pois entre os colonos predominavam os católicos. O que não condiz com a colonização é a valorização ao mundo latifundiário, visto que em Selbach predomina a pequena propriedade. Golin se opôs a essa prática e a todas as outras práticas do MTG que também acontecem em outras partes do estado do Rio Grande do Sul:

São as vozes que, até certo tempo, ofereciam alguma resistência à Missa Crioula, inventada por padres pacholas e que significou a indumentarização do imenso elenco de santos cristãos. Nessas discordâncias sacras, consubstanciam a louvação à ignorância (1989, p. 77).

Todas essas ritualizações do mundo pastoril com os dogmas católicos resultam em cantos, orações e leituras de um vocabulário da campanha gaúcha, coisa que não é comum utilizar no dia-a-dia dos munícipes. Ainda, conforme Golin:

Reordenaram, inclusive, uma versão litúrgica do catolicismo em uma Missa Crioula, dando potência bíblica ao poder oligárquico e à ordem. Deus, assim, foi ungido à

figura de Patrão do Céu e, Jesus Cristo, convertido em seu tropeiro para tanger o rebanho de almas rio-grandenses no latifúndio celeste (2008, p. 95).

Inclusive um livreto com a sequência da celebração e seus cantos foi organizado para que os religiosos tradicionalistas acompanhem melhor o evento no CTG. Maria Lourdes participa de algumas atividades programadas pelo CTG, especialmente fandangos e jantares:

Pois é, com o passar do tempo a gente realmente, não sei, ficamos um pouco de fora, porque a vida foi outra, com o passar do tempo, não me envolvi mais, porque perdi bastante o vínculo com o CTG, mas como a minha filha cresceu, faz dois anos agora, ela realmente resolveu querer participar do CTG, tudo bem, o patrão veio até aqui, nos convidou, de repente ele ficou sabendo por fora que a Letícia estaria interessada, chegou até aqui na minha casa, a gente se associou e hoje continuamos sócios do CTG, e a Letícia, minha filha dança no elenco, e toda vez que tem um fandango, um jantar no CTG, eu moro tão pertinho aqui, a gente sempre vai, minha filha ir sozinha e também não deixo de prestigiar, imagina, a gente gosta disso, arrumei um namorado, um marido que também gosta, mas a gente não se envolve em patronagem porque infelizmente, nem vestido eu tenho mais (FRITSCH, 2020).

Segundo Maria Lourdes, a ideia de fundar o CTG em Selbach partiu de seu ex-noivo Armili José da Silva, que era técnico agrícola da Emater e veio da cidade de Ciríaco, onde havia um CTG. Ele comentava com o sogro que iria fundar um em Selbach, mas ele respondia que não teria sequência um CTG no município. Laura Lorenzoni, que também servia na Emater, passou a morar para Selbach em virtude do trabalho, auxiliou com os trâmites do estatuto da entidade. Quem vinha auxiliar os jovens eram pessoas mais experientes do ponto de vista tradicionalista. De Ibirubá, vinham o patrão do CTG Rancho dos Tropeiros e o senhor Zezinho⁴⁰, para tirar dúvidas sobre o funcionamento da entidade e ensinar sobre detalhes de acessórios e das indumentárias. Quando o grupo de danças evoluiu nos ensaios, fizeram o uniforme⁴¹ para as apresentações. As moças usavam vestidos intercalados nas cores azul e vermelho, com detalhes em branco. A invernada possuía de cinco a seis pares e frequentavam eventos, especialmente bailes e rodeios, em toda a região (FRITSCH, 2020).

A patronagem⁴² foi formada por jovens e por pessoas mais experientes, assim como o pai de Maria Lourdes. Sua irmã participou do Sarau de Prendas⁴³ no CTG Rancho dos Tropeiros. Lembrou de vários nomes de pessoas que dançavam pelo grupo do CTG. Ainda sobre a primeira patronagem, enfatizou que todos foram motivados pelo seu ex-namorado

⁴⁰ Este personagem também foi citado pelo entrevistado Luiz.

⁴¹ Ao referir-se ao uniforme, Maria Lourdes quer dizer que o modelo das roupas era igual. O “uniformizar” lembra os quartéis, onde todos usam a mesma farda.

⁴² Em alusão aos patrões, ou seja, quem comanda a fazenda, ao conjunto de mandatários. No CTG, diz-se aqueles que estão na presidência da sociedade, compondo a chapa diretiva.

⁴³ Uma espécie de debut tradicionalista, onde as meninas-moças (entre 14 e 15 anos) são apresentadas à sociedade tradicionalista, num fandango realizado especificamente para a ocasião.

Armili, caso contrário nem teriam tomado conhecimento de como funciona uma entidade tradicionalista. Sobre o programa Galpão Crioulo, disse que assistia dominicalmente para aprender com as diferenças e para melhorar como grupo. Maria Lourdes se lembrou de um fato que ocorreu num evento em outro município, quando um casal foi expulso da pista⁴⁴ por dançar muito agarrado e não manter o devido respeito.⁴⁵ Atualmente, Maria Lourdes e seu esposo não são tão presentes nas atividades tradicionalistas, mas participam eventualmente, inclusive porque a filha retornou ao grupo de danças. Diz, ainda, que o CTG tem divertimento sadio (FRITSCH, 2020).

Benó Ely, o pai de Maria Lourdes, estranhou a iniciativa de fundar uma entidade tradicionalista em um município com descendentes alemães, que não tinham familiaridade com os usos e costumes do rio-grandense habitante dos campos e da campanha, para assim chamar de tradição. Tudo teve que ser aprendido: vocabulário, modo de vestir, jeito de tocar música, danças chamadas de tradicionais, mas que não eram conhecidas, além da montaria e demais detalhes campeiros. Esse fenômeno ocorreu pelo desejo de reconhecimento de ser gaúcho, apresentado pelo MTG como autêntico modelo do povo rio-grandense (FRITSCH, 2020).

A necessidade de pensar sobre a indumentária feminina tradicionalista surgiu no Rio Grande do Sul, quando a primeira moça se filiou ao 35 CTG. Deveria ser algo que ficasse a altura da vestimenta masculina. Então algumas pesquisas foram realizadas até a criação do vestido. Para Fagundes:

E assim, consultaram as fotos antigas das próprias famílias e também no ‘traje de china’ das tradicionalistas uruguaias e até mesmo – forçoso é reconhecer – no vestido ‘caipira’, que eles combatiam, criaram o hoje famoso ‘vestido de prenda’, dentro dos pressupostos válidos da indumentária feminina mais simples do Rio Grande – a chita – ao fim do século passado e começo deste. Apesar de ser uma criação tradicionalista, o vestido de prenda conservou a padronagem e a sobriedade do vestido padrão da mulher gaúcha (FAGUNDES, 1986, p. 24).

A mulher teve papel secundário no início⁴⁶ do tradicionalismo. Com os concursos de prendas, passou a ter maior visibilidade, num cenário onde a maioria são homens:

Pode-se constatar que se tratava de um grupo de rapazes que reproduzia o mundo da fazenda de criação de gado da Campanha onde há predominância numérica de homens. As mulheres seriam integradas ao Tradicionalismo mais tarde como coadjuvantes (OLIVEN, 2006, p. 110).

⁴⁴ Aqui se refere ao espaço do salão destinado aos casais que dançam.

⁴⁵ Cada CTG tem suas normas de conduta, que contemplam o modo de agir em sua sede. Caso não sejam seguidas, podem acarretar sanções como a expulsão.

⁴⁶ Em 2020, porém, o cargo de presidente do MTG foi concorrido por duas mulheres: Elenir Winck da 9ª Região Tradicionalista e Gilda Galeazzi da 7ª Região Tradicionalista, no 68º Congresso Tradicionalista, em Lajeado.

A criada indumentária gaúcha, dentro dos padrões que o MTG estabelece como corretos, identifica o tradicionalista. Seu uso no cotidiano, especialmente pelas mulheres, torna-se inviável, pela impossibilidade de certos movimentos, além de estar longe dos modelos atuais de vestimenta, ainda mais para as mulheres trabalhadoras. Desde a roupa de baixo⁴⁷, até o vestido em si, não é uma boa opção para o dia-a-dia. Então quando o traje é usado, demonstra que a mulher (prenda) é simpatizante ou militante do tradicionalismo. Na figura 16, registro do grupo adulto antes da apresentação na Blumenfest de 1997:

Figura 16 - Grupo de danças adulto



Fonte: Acervo da autora.

A Figura 16 retrata o grupo formado por jovens que semanalmente se encontravam, no ano de 1997, para ensaiar as “danças tradicionais gaúchas”. A maioria dos integrantes é de origem alemã, como se pode constatar pelo sobrenome. Em pé, da esquerda para a direita: Valtencir Werlang, Evandro Muller, Rafael Hansen, Rafael Tonello, Carlos Szilagy, Cristiel Renato Kuhn e Leandro Schmidt. As moças, agachadas da esquerda para a direita: Gisele

⁴⁷ Refere-se às peças íntimas que dão sustentação ao vestido, como a saia de armar e o corpete que afina a cintura.

Maldaner, Cristiele Aline Kuhn, Ivanice Wechenfelder, Joseila Maldaner, Lilian Nunes da Silva, Alana Oliveira, Vivian Nunes da Silva.

Figura 17 - Grupo de danças mirim



Fonte: Acervo da autora.

O grupo de danças mirim, acompanhado pelos instrutores Leandro Schmidt e Cristiele Kuhn, registrado na Figura 17, mostra a participação das crianças no CTG de Selbach. A indumentária dos pequenos: vestido de prenda para as meninas; e bombacha, camisa, colete (para alguns) e lenço para os meninos, o que significava que as crianças estavam adotando as vestimentas do universo do MTG e seguindo os padrões estabelecidos pela entidade.

A fundação do grupo de Cavalarianos aconteceu em 1993 e se tornou a invernada campeira do CTG Estância do Imigrante. Invernada era a designação usada para a separação em grupos dos afazeres da estância, como registra Golin:

Os latifúndios, para serem mais bem vigiados e produtivos, foram divididos em invernadas. Em muitas delas, os estancieiros fixavam agregados. Por ficarem residindo nesses postos, ganharam, com o tempo, o nome de posteiros. Normalmente, esses trabalhadores eram afamiliados e residiam em ranchos. Seus filhos, quase sempre, seriam os futuros peões (1999, p. 58).

No CTG, a invernada representa um departamento dentro da entidade. A invernada campeira realiza rodeios anuais e participa de rodeios nas entidades vizinhas. Homenagens

fúnebres na Semana Farroupilha, cavalgadas, carreiras, jogos de futebol dos “Bombachudos e Engravatados” também fazem parte das atividades dos “campeiros”. Essa expressão está relacionada com as tarefas do campo, ou seja, designa aqueles que realizavam os afazeres da fazenda.

Figura 18 - Cavalgada da Chama Crioula



Fonte: Acervo da autora.

Na Figura 18, há o registro da cavalgada para acendimento da Chama Crioula, na Semana Farroupilha no ano de 2000. Destaque para as bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul, de Selbach, e do CTG Estância do Imigrante que são levadas por cavalarianos. O uso dessas bandeiras na atividade significa o civismo interligado com as atividades do CTG, o valor dado aos símbolos que representam a pátria, o estado, o município e a entidade.

Figura 19 - Registro do time dos Bombachudos



Fonte: Acervo da autora.

O time de futebol dos bombachudos, retratado na Figura 19, representa o CTG Estância do Imigrante, em 1994, no jogo de futebol contra o time dos engravatados. Os bombachudos jogaram de bombacha e lenço, enquanto que os engravatados vestiram calça social e gravata. O time dos engravatados era composto por pessoas que não tinham envolvimento com as atividades do CTG. Simbolicamente, essa competição significava que havia rivalidade entre os dois grupos representados pela indumentária: os estancieiros versus os citadinos, concretizada na disputa futebolística.

Outras atividades realizadas nestes quarenta anos de existência foram os Saraus de Prendas, cursos de Danças de Salão, Concursos de Prendas e Peões, Missas Crioulas, programações na Semana Farroupilha envolvendo outras entidades do município, dramatização de peças teatrais, participação em programas de rádio, rodeio e encenação do Terno de Reis em um sincretismo do religioso com o tradicionalismo.

4.3 A aculturação

O conceito de aculturação⁴⁸ foi desenvolvido pelo sociólogo alemão Emílio Willems, para quem o ser humano se constitui na interação com outros sujeitos, aprendendo, cotidianamente, normas que o tornam sociável, isto é:

Nunca se conseguiu provar a existência de quaisquer instintos sociais em seres humanos. Muito ao contrário, tudo indica que o homem tem de adquirir, penosamente, através de contatos com outros seres humanos, as regras de convivência com seus semelhantes (WILLEMS, 1966, p. 7).

Na cultura, o humano vem a ser o “o único animal capaz de inventar e usar símbolos. Esta capacidade é condição prévia e pré-requisito à invenção e transmissão de cultura” (WILLEMS, 1966, p. 9). A utilização dos símbolos dá vazão ao comportamento simbólico, que, por sua vez, se encaminha à comunicação verbal, dando condições para a vida em sociedade, suas regras e punições:

Uma sociedade “existe” somente na medida em que seus membros agem uns sobre os outros de maneira ordenada, isto é, de acordo com regras implícitas, ou explicitamente reconhecidas. Essas regras são chamadas costumes, convenções, praxes, usos, etiquetas, moral, estatutos, leis, ordenanças etc., tendo cada uma desses termos um significado distinto, de acordo sobretudo com a natureza das sanções com que a sociedade reage à inobservância da regra em jogo (WILLEMS, 1966, p.18).

Willems trata também da tradição, que, segundo ele, são as regras sociais, “transmitidas de geração a geração, atingindo uma idade superior à de qualquer membro vivo de uma sociedade” (1966, p. 18). Logo, as invenções artísticas dos tradicionalistas da segunda fase do tradicionalismo, podem acabar virando tradição, pois são recriadas pela geração posterior aos criadores. Porém, elas não eram tradição no momento da criação, pois não era comum à sociedade até então.

Esse processo histórico vivido em Selbach também pode ser compreendido a partir do conceito de hibridismo, que, de acordo com Canclini, aborda: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (2008, p. XIX), onde o tradicional e o moderno coexistem juntos. Assim também a fundação do CTG Estância do Imigrante não ocorreu em virtude da tradição gauchesca que ali existia, pois ela é uma criação e estava ausente no município de

⁴⁸ Atualmente, o termo aculturação significa absorver elementos de outra cultura.

Selbach. Ocorreu por desejo de um grupo de pessoas que estavam dispostas a aprender um conjunto de normas e símbolos implantados em Porto Alegre, estimuladas por Armili, que foi o ator principal da implementação, organizando, assim, uma coletividade.

O lema do CTG se torna incoerente: “O gaúcho aqui e em qualquer chão, sempre cultuando a tradição”. Que tradição? A gauchesca, associada à campanha, não no planalto médio, local de pequenas propriedades agrícolas, geridas pelas próprias famílias. Para Golin, são origens muito diferentes:

Digamos, os tradicionalistas são provedores de uma sociedade capitalista, vivem materialmente sob suas determinações no presente e, culturalmente, no passado, em um mundo hipotético alimentado por toda a herança cultural das oligarquias rurais, que, por sua vez, tem a sua origem mais remota no feudalismo das parasitárias cortes ibéricas (1989, p. 23 e 24).

A palavra “colono” designava os imigrantes e estava relacionada “à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade” (OLIVEN, 1990, p. 19), porque trabalhavam na pequena propriedade, com a agricultura familiar; ao passo que o latifundiário pecuarista era reverenciado e idealizado:

Nesse processo de negação do estigma de estrangeiro em um estado chauvinista, de ovação ao nacionalismo caricato, os descendentes dos colonos, ao integrarem a composição das classes dominantes, atentaram contra suas origens, negaram-as – de forma passiva, pelo silêncio - revelando-se em dedicados fomentadores do tradicionalismo. O mais evidente era adotar a indumentária (GOLIN, 1989, p. 29).

Assim, o gaúcho era visto como “tipo socialmente superior”, já que os estancieiros formavam a elite social e econômica do estado, além de estarem relacionados ao cavalo, que na Europa era símbolo de nobreza. Ainda, para Golin, “o colono sempre admirou o estancieiro e, como grupo social, procurou seguir os seus passos. Dessa forma, a aliança entre eles solidificou-se ideologicamente porque não havia qualquer ruptura a ameaçar esse contrato consensual” (1989, p. 29). Essa afirmação de Golin pode ser questionada. Relativizar a admiração dos colonos em relação ao estancieiro é considerar que talvez nem todos tinham esse sentimento.

Sobre o conceito de colono, Giralda Seyferth explica que é uma identidade social ligada à condição camponesa e que se distingue dos caboclos. Também é um termo ligado a colonização:

No seu significado mais geral, a categoria é usada como sinônimo de agricultor de origem europeia, e sua gênese remota ao processo histórico de colonização. Para ser

considerado colono não basta ser camponês, embora a condição camponesa seja igualmente essencial como critério de identificação. Também não é qualquer agricultor, pois a definição cabível é a de um pequeno proprietário rural que não emprega mão-de-obra assalariada permanentemente. Algumas características específicas do campesinato estão presentes como elementos de categorização: trabalho familiar, posse de terras em quantidade suficiente para permitir a atividade de cultivo, produção voltada em primeiro lugar para o consumo doméstico (privilegiando-se, assim, a policultura com criação), participação nas atividades de solidariedade etc. Nesse sentido, consideram-se distintos de outras categorias de produtores rurais, como aqueles que denominam “fazendeiros” (1993, p. 38).

Seyferth ainda escreve: “Como expressão de uma identidade camponesa, o termo colono foi atribuído aos imigrantes pelas leis e regulamentos que norteavam a política de colonização desde a sua implementação no século XIX” (1993, p. 46). Ela estudou a região de Guabiruba, em Santa Catarina, mas suas reflexões podem ser aplicadas para o caso da colonização de Selbach.

Oliven ressalta a presença de empresários no estado, que são de origem imigrante e que, mesmo com ascensão financeira, valorizam o arquétipo do gaúcho. Para o autor:

É interessante que embora o Rio Grande do Sul tenha uma expressiva presença de alemães e italianos como empresários e como políticos, o tipo social representativo continua sendo o gaúcho. Do mesmo modo, as figuras do índio e do negro aparecem de uma forma extremamente pálida (OLIVEN, 1990, p. 20).

Conforme Golin: “o Rio Grande do Sul, em si, não pode ser considerado o lugar de uma etnia” (2004, p. 46), no caso a gaúcha, pois possui diversos segmentos étnicos e mestiços, não tendo uma “base biológica única”. Logo, a expressão “raça gaúcha” está equivocada, especialmente no tradicionalismo:

Nele, não se encontra a defesa do princípio da diversidade. Ainda em seus primeiros anos, a diferença implicou a existência de elementos contraditórios para afirmar uma militância que “apregoava-se como legítimo representante do estado”. E o diferente, nessa lógica, deveria ser “aculturado” (GOLIN, 2008, p. 93).

Segundo Wagner (2010), a cultura é inventada e torna-se visível no momento que entra em choque com a cultura de outrem. Assim, a cultura tradicionalista tem como imagem a ser seguida o gaúcho latifundiário, materializado na estátua do Laçador, localizada em Porto Alegre, que teve como modelo o fundador do 35 CTG, Paixão Côrtes. O contexto desse gaúcho também é recriado:

A cultura está a serviço da recriação de um “pago” hipotético. Tem como “finalidade adaptar o indivíduo não só ao seu ambiente natural, mas também ao seu lugar na

sociedade”. Ou seja, a eternização das classes sociais na perspectiva de patrão, capataz, agregado, peão, tropeiro, etc., etc. (GOLIN, 1989, p. 62).

A cultura implantada em Selbach, no CTG Estância do Imigrante, está alicerçada sobre o fenômeno inaugural da Revolução Farroupilha, que dá vazão a ritualização cíclica de eventos:

Situa-se sob o prisma da desconstituição da tradicionalidade, que tem na Revolução Farroupilha o seu fenômeno inaugural e gerador permanente de fatos, mantida pelas comemorações cívicas, rodeios, festivais, ciclos, seminários, congressos, livros, jornais, rádios, revistas e pela vigilante produção cultural de órgãos diretamente criadores de acontecimentos; os animadores da tradicionalidade (GOLIN, 1989, p. 84).

Ainda sobre a Semana Farroupilha, inspirada na Guerra⁴⁹ Farroupilha, pode-se esclarecer que: “A Revolução não foi uma guerra de independência, como os tradicionalistas insistem em propagar. Isso serve para especular com o civismo de uma hipotética e fantasiosa pátria gaúcha” (GOLIN, 1989, p. 57). Essa ideia de pátria gaúcha, forjada nos limites do MTG, acaba por incentivar o culto às tradições gauchescas inventadas no Rio Grande do Sul.

O programa de televisão Galpão Crioulo, lembrado por todos os entrevistados, também foi um veículo de aculturação ao servir de modelo para o modo de vestir, de falar, de cantar e dançar de seus telespectadores selbachenses. Kellner explica:

A cultura em seu sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana (2001, p. 11).

Sobre a cultura da mídia, também foi citado um programa radiofônico, o “Chimarrão da Amizade”⁵⁰, da Rádio Ibirubá que contribuiu para a aculturação dos moradores de Selbach, introduzindo modelos de fala, de musicalização e de “comportamento”. Kellner explica como acontece o processo:

Ademais, a cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento (2001, p. 27).

⁴⁹ Penso que a expressão “Guerra Farroupilha” está mais adequada que “Revolução Farroupilha”, afinal o movimento não teve a adesão da maioria da população, além do que, pouco ou nada de suas reivindicações foram alcançadas.

⁵⁰ Atualmente continua sendo veiculado todos os dias, das 16 horas até as 19 horas.

Para compreender a cultura tradicionalista, foi preciso que os munícipes apreendessem os códigos ou seu simbolismo. Para isso, necessitaram de auxílio, e as pessoas que fizeram a ponte para que o aprendizado ocorresse foram a ligação entre os futuros tradicionalistas e o tradicionalismo, havendo assimilação e aculturação. Voigt explica a ideia de Willems:

O autor conclui, então, que a assimilação é um processo sócio-cultural e bilateral, onde são selecionados e eliminados alguns dados culturais, prevalecendo os padrões de um dos grupos sociais. Afirma em seus dois livros que a assimilação é, acima de tudo, uma transformação emocional, psíquica, que envolve “reajustamentos de personalidade”, bem como sustenta que assimilação e aculturação são aspectos de um processo único (2007, p. 191).

Ainda, fazendo uma relação com os fundadores do CTG em Selbach:

Assim, Emílio Willems abre, principalmente em seu segundo livro, a possibilidade de haver aculturação e assimilação como processos não-biológicos e com um grande potencial de manutenção de identidades culturais, deixando, portanto, caminho aberto para a construção de identidades étnicas e culturais no Brasil em grupos sociais de imigrantes e descendentes que não passaram por um processo de miscigenação ou integração cultural mais profunda com o luso, o negro ou o indígena (VOIGT, 2007, p. 192).

Willems diz que a aculturação dos alemães fez parte do processo de assimilação. Ele cita Robert E. Park, para quem a assimilação:

[...] é o nome dado ao processo ou aos processos pelos quais povos de origens raciais diversas e de diferentes heranças culturais, ocupando um território comum, realizam uma solidariedade cultural suficiente, pelo menos, para sustentar uma existência nacional (WILLEMS, 1940, p. 13).

Conforme Willems, “o processo de assimilação abrange, exclusivamente, os caracteres transmitidos pelo convívio e pela educação. Assimilação é, portanto, fusão cultural e, como tal, afiliação espiritual e afetiva” (1940, p. 15). Ainda explica que:

Assimilação e aculturação são aspectos diversos de um processo único. Com relação à esfera social falamos em assimilação, enquanto que as mudanças verificadas na esfera cultural levam o nome aculturação. É inútil acrescentarmos que não pode haver assimilação sem haver, ao mesmo tempo, aculturação ou vice-versa (WILLEMS, 1940, p. 17).

Portanto, utilizando os conceitos de Emílio Willems, os descendentes de alemães que fundaram o CTG não só foram aculturados (porque mudaram a sua cultura em detrimento do tradicionalismo), como sofreram assimilação (organizaram uma nova vivência em sociedade que até então não existia, se adequando ao modelo proposto pelo MTG). Para Willems, “o processo de assimilação consiste no aparecimento de atitudes novas emocionalmente

associadas a valores culturais novos com que o imigrante vai estabelecendo contatos” (1980, p. 7). Esse foi o caso dos descendentes de alemães, em Selbach, a partir de maio de 1980.

Pode ser um caso de má assimilação da cultura nacional, ainda transferida aos descendentes, quando há marginalidade cultural e “sentimento de inferioridade” em relação aos não imigrantes:

O imigrante mal assimilado, no Brasil, é um homem marginal no sentido cultural, embora o fator racial tenha certas influências. Como crise da vida afetiva, a marginalidade produz sentimentos de inferioridade e daí deriva o ressentimento social muito pronunciado em inúmeros descendentes de imigrantes alemães, com relação tanto aos luso-brasileiros como, também, aos imigrantes recentes (WILLEMS, 1940, p. 331).

O vocabulário dos entrevistados neste trabalho, permeado de sotaque característico dos descendentes de imigrantes alemães⁵¹, evidencia uma face de aculturação, pois aderiram ao regionalismo, sem perder alguns traços de sua cultura original. Voigt, ao estudar Willems, cita: “Apesar de reconhecer os contatos e infiltrações do idioma português nestas comunidades teuto-brasileiras, admite que há um “linguajar teuto-brasileiro”, que seria, na prática, uma nova formação linguística, portanto, uma nova comunidade étnica” (2007, p. 195). Isso está ligado ao “processo de assimilação”. A denominação teuto-brasileiro, de acordo com Willems, serve para “designar o integrante desta nova sociedade” (VOIGT, 2007, p. 193), que não é nem brasileira, nem exclusivamente germânica, mas uma nova comunidade mesclando o costume de ambas.

A ideia de “homem livre”, que tanto os imigrantes alemães almejavam, pode ter sido deixada de herança como valor simbólico. Assim, o arquétipo do gaúcho tradicionalista e seu cavalo encontrou alicerces para ser construído também na sociedade de Selbach:

A disposição de “mudar de vida”, acha a sua expressão numa escolha de elementos culturais que mais correspondam aos desejos previamente existentes. A pressão econômica ou política a que os imigrantes alemães estavam expostos no século passado fez surgir, por exemplo, os ideais de *ubi libertas ibi pátria* e do “homem livre em gleba livre”. Daí o padrão de liberdade individual encontrado nos países do Novo Mundo foi imediatamente aceito e incorporado no patrimônio cultural das comunidades estabelecidas em solo brasileiro. Essa integração foi acompanhada da adoção de dois símbolos materiais da liberdade: o cavalo de montaria e a arma de fogo (WILLEMS, 1980, p. 6).

Roche comenta sobre os descendentes alemães que foram enxertados na sociedade sul-rio-grandense, denominando-os, assim como Willems, de “teuto-brasileiros”:

⁵¹ Troca da letra “p” pelo “b”, do “c” pelo “g”, do “t” pelo “d” e vice-versa.

Esses homens, no entanto, já não são alemães, são teuto-brasileiros de origem alemã, como eles próprios o dizem. Fiéis à cultura e às tradições ancestrais, são cidadãos autênticos. Estão enraizados nesse solo que, com a sua presença e seu trabalho transformaram. Fazem agora parte integrante do novo Rio Grande do Sul. Constituem um de seus ramos, que se desenvolveu a partir de um enxerto (ROCHE, 1969, p. 771).

Zeyferth também trabalha com o conceito de identidade hifenizada, escrevendo “A germanidade (Deutschtum) busca tornar compatível a etnicidade de sua origem e a cidadania brasileira” (2000, p. 94). Klug, ao tratar da identidade híbrida, a define como “hifenizada e plural”, em oposição aos luso-brasileiros (2006, p. 344). Em Selbach, a identidade teuto-brasileira foi mesclada com a identidade regional do gaúcho. Ainda, citando Klug:

Concretamente, era uma identidade híbrida, que não gozava de plena cidadania brasileira e tampouco da cidadania alemã. [...] Percebe-se que os colonos se mobilizaram, predispondo-se a superar o rótulo de “estrangeiros” que pairava sobre eles e neste esforço evidenciavam uma postura ambígua, ao requererem para si o legítimo direito de ser brasileiro e de permanecer alemão. [...] Ser teuto-brasileiro representava falar alemão como língua materna, mas aprender o português para fins econômicos/comerciais. Ter sangue alemão (jus sanguinis), ser “de origem”, mas ser politicamente leal ao Brasil (jus soli) (2006, p. 343).

Em Selbach, a identidade teuto-brasileira foi mesclada com a identidade criada pelo regionalismo rio-grandense. A afirmação de Klug explica o que ocorreu no município de Selbach, onde o sotaque alemão esteve presente na fundação da entidade tradicionalista e permanece nas práticas que os associados realizam para manter o CTG atuante, numa fusão cultural do teuto-brasileiro e do rio-grandense.

Este capítulo abordou como ocorreu a fundação do CTG Estância do Imigrante, tomando como fonte o testemunho de alguns de seus fundadores. Aborda, também, as atividades que a entidade desenvolve incentivadas pelo regionalismo rio-grandense, por meio do MTG. Ainda, discute os termos cultura e aculturação, que fizeram parte da fundação da entidade e continuam presentes nos integrantes da mesma. A seguir, as ideias finais, que concluem a dissertação.

5 CONCLUSÃO

O estereótipo do rio-grandense, como é visto atualmente, é uma invenção criada por grupos que glorificaram o mundo estancieiro, ligado ao latifúndio e à pecuária extensiva. Essa glorificação pode ser notada por meio do uso da indumentária característica: para os homens, botas, bombacha, camisa e lenço no pescoço; para as mulheres, o vestido de prenda. Também é característico o emprego do vocabulário da campanha do Rio Grande do Sul no convívio no CTG, em missas crioulas, bailes e competições. Essas podem acontecer em nível “campeiro”, como nos rodeios com o tiro de laço; em nível artístico, nos festivais de música, declamação e dança; e em nível cultural, nos concursos de prendas e de peões.

Toda essa organização que o MTG possui hoje foi gestada no século XIX, com dois movimentos que reverenciavam o mundo campeiro. O Partenon Literário foi o primeiro a exaltar o mundo latifundiário do Rio Grande do Sul, influenciando através da literatura, com temática regional, os leitores rio-grandenses. Em um segundo momento, iniciado em 1898, os Grêmios Gaúchos, criados ao modo de clubes e frequentados por aqueles que detinham o prestígio e o poder econômico local, também foram o lugar de idealização das atividades que aconteciam nas estâncias pecuaristas. Liderados por João Cezimbra Jacques, esses foram instituídos no interior e na capital, influenciados pelo positivismo.

Mais adiante, na chamada “Segunda Fase do Tradicionalismo Gaúcho”, formada por um conjunto de estudantes do Colégio Julinho de Porto Alegre, foi criado, em 1948, o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, denominado “35 CTG”, que serviu de inspiração para as muitas instituições hoje existentes. Antes de se transformar em uma entidade à parte da escola, o primeiro CTG era um departamento estudantil, no qual os participantes se encontravam para matear e contar causos, imitando as rodas de chimarrão dos peões das fazendas pecuaristas.

Um grupo de moradores de Selbach entrou nesse movimento iniciado na capital do estado, de maneira tardia, em 1980, incentivado por Armili José Alves da Silva, técnico agrícola da Emater, que convidou representantes das comunidades interioranas do município e da cidade para a primeira reunião e falou sobre a organização de um Centro de Tradições Gaúchas. No segundo encontro, foi escolhido o nome da agremiação: Estância do Imigrante.

A denominação dessa entidade em Selbach carrega uma incongruência, pois os descendentes de alemães que se fixaram no município estavam ligados ao minifúndio e à produção agrícola colonial, e tinham uma identidade vinculada com a germanidade. Um testemunho dessa germanidade está na denominação das ruas do município, que, em sua maioria, homenageiam pessoas com sobrenome de origem alemã.

A fundação do CTG e suas práticas exigiram dos fundadores uma aprendizagem. Isso aconteceu através de pessoas que vieram até Selbach para ensinar os valores, as normas de conduta e o modo de vestir. Também exerceram alguma influência o programa televisivo Galpão Crioulo e o programa radiofônico Chimarrão da Amizade. A imagem idealizada do gaúcho, de acordo com o MTG, pôde ser reproduzida pelos participantes do CTG de Selbach no município e fora dele, revelando um hibridismo cultural.

A implantação da agremiação requereu adotar hábitos estranhos aos integrantes até então, que foram aprendendo um novo modo de ser ligado ao regionalismo rio-grandense através de palestras, cursos, concursos e programação televisiva. Os costumes dos descendentes de imigrantes alemães foram aculturados e a identidade teuto-brasileira fundiu-se com a identidade rio-grandense criada no âmbito do CTG.

Criar um Centro de Tradições Gaúchas em Selbach foi importante para unir os integrantes em atividades artísticas, culturais e campeiras, divertimentos e ocupações que antes não ocorriam no município. Isso significou que os participantes se espelharam no gaúcho da campanha, mas não se despiram da germanidade, o que configura um hibridismo cultural na medida em que combinam as duas identidades.

REFERÊNCIAS

ABREU, Santiago Neltair. *O melhor do Macanudo Taurino*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade: 1824-1924*. Tradução de Arthur Blásio Rambo. São Leopoldo: Unisinos, 1999. Título original *Hundertjahre: Deuschtum in Rio Grande do Sul, 1824-1924*, publicado em 1924.

BETTA, Edinéia Pereira da Silva. *A institucionalização da indumentária gaúcha: imagens que (re)vestem o tradicionalista gaúcho (1947 - 1989)*. 2018. Tese (doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

DEL RÉ, Mateus Cavalheiro. *Jornalismo de bombacha: a introdução e a consolidação do tradicionalismo em Passo Fundo pelas páginas do jornal O Nacional na década de 1950*. 2010. 104 f. Dissertação (mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2010.

FAGUNDES, Antônio Augusto. *Indumentária gaúcha*. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.

GERHARDT, Marcos. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. *Esboços*, Florianópolis, v. 18, n. 25, p. 73-95, ago. 2011.

GERHARDT, Marcos. *História ambiental da erva-mate*. 2013. 290 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Florianópolis, 2013.

GERHARDT, Marcos. O relato de Wilhelm Vallentin: meio ambiente e imigração. In: GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice S.; MORETTO, Samira P. (Org.). *História ambiental e migrações: diálogos*. São Leopoldo: Oikos; Chapecó: UFFS, 2017. p. 31-44.

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOLIN, Tau. *A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Tchê, 1989.

GOLIN, Tau. *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.

GOLIN, Tau. *O povo do pampa: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para adolescentes e outras idades*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

GOLIN, Tau. Tradicionalismo e modernidade conservadora no “estado-marca. In: BOEIRA, Nelson (Org.). *Rio Grande em debate: conservadorismo e mudança*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o Gaúcho: Primeiras Contribuições da Literatura. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Orgs). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

HARTMANN, Maria Lourdes Backes. *Interação família-escola trabalhando as diferenças: da escola Católica Alemã (Katolische Gemeind Schule) ao reconhecimento das diferenças*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2000.

JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979a.

JACQUES, João Cezimbra. *Costumes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979b.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da Mídia, estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: UDESC, 2001.

KLUG, João. Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil. In: GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice S.; MORETTO, Samira P. (Orgs.). *História ambiental e migrações: diálogos*. São Leopoldo: Oikos; Chapecó: UFFS, 2017. p. 45-62.

KLUG, João. A imigração alemã e a construção de uma identidade teuto-brasileira no sul do Brasil. In: WEHR, Ingrid (Ed.). *Un continente em movimiento: migraciones en América Latina*. Barcelona: Iberoamericana; Frankfurt: Vervuert, 2006.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul, uma interpretação sociológica*. Porto Alegre: Movimento, 1981.

MAESTRI, Mário. *Uma breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais*. Passo Fundo: UPF Editora, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLIVEN, Ruben George. O Maior Movimento de Cultura Popular do Mundo Ocidental: O Tradicionalismo Gaúcho. *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, n. 1, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Historiografia e ideologia. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. *RS: Cultura & Ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PORTO, Aurelio. *O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1996.

RIBAS, João Vicente. *A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2007.

RIBEIRO JUNIOR, João Ribeiro. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Tomo I e II. Porto Alegre: Globo, 1969.

SEYFERT, Giralda. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). *Anuário antropológico*, v.16, n.1, p. 31-63, 1993. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7401770.pdf>. Acesso em 10 fev. 2021.

SEYFERTH, Giralda. Identidade nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

SEYFERTH, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, v.11, n. 22, p.13-39, jul./dez. 2012.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo. *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VIDART, Daniel. *La trama de la identidad nacional*. Tomo III: El Espíritu Criollo. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2000.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, região e poder: busca de Interfaces Metodológicas. *Locus Revista de História*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 84-97, 1994.

VOIGT, André Fabiano. Emílio Willems e a invenção do teutobrasileiro, entre a aculturação e a assimilação (1940-1946) *História: Questões & Debates*, v. 46, n. 1, p. 189-201, 2007. Doi: <http://dx.doi.org/10.5380/his.v46i0.4656>.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WAIBEL, Leo. Princípios da colonização européia no Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 2, abr./jun. 1949.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

WILLEMS, Emílio. *Antropologia Social*. Tradução de Yolanda Leite. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

ZARTH, Paulo Afonso. *História agrária do planalto gaúcho*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

FONTES

CBTG, Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha. *Regulamento Cultural do Concurso Nacional de Prendas e Peões Tradicionalistas*. 2018. Disponível em: https://www.cbtg.com.br/documentos/10/20181102160719_7466.pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE. *Catálogo do Concurso de Prendas*, 1994.

CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE. *Estatuto*. Selbach, 1980a.

CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE. *Jornal dos 20 anos*. 2000.

CTG ESTÂNCIA DO IMIGRANTE. *Livro de atas nº 1*. Selbach, 1980b.

FRITSCH, Maria Lourdes Ely. *Entrevista com*. 2020.

GOLIN, Luiz Carlos et al. *Manifesto Contra o Tradicionalismo*. 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/29729173/MANIFESTO_CONTRA_O_TRADICIONALISMO.pdf. Acesso em: 17 jan. 2020.

IBGE. *Selbach*. 2018. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/selbach/pesquisa/18/16459?indicador=16559>. Acesso em 28 abril 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *INEP. Sistema Educacenso Ensino Regular: Resultados e Resumos*. 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>. Acesso em: 18 nov. 2020.

KUHN, Renato Afonso. *Entrevista com*. 2020.

KUMMER, Luís. *Entrevista com*. 2020.

LESSA, Barbosa. *Tese: o sentido e o valor do tradicionalismo*. 1954. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br> Acesso em: 02 jan. 2020.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Nota de Instrução 01/2020-Vice-presidência de Cultura*. 2020. Disponível em: <https://estudandonogalpao.files.wordpress.com/2020/04/notaintrucao.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Regulamento da festa campeira do estado do Rio Grande do Sul, Fecars*. 2017. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br>. Acesso em: 02 jan. 2020.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Regulamento do concurso de prendas*. 2015 Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br>. Acesso em: 10 set. 2015.

MTG. Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Regulamento do Encontro de Arte e Tradição Gaúcha, Enart*. 2019. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/Regulamento%20ENART%202019.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

MTG, Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Site oficial*. 2019. Disponível em: <https://www.mtgrs.ubtg.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2015.

RÁDIO PLANETÁRIO. *Site*. 2020. Disponível em: <https://radioplanetario.com/blog/2020/01/27/iniciou-o-campeonato-de-futebol-sete-de-selbach/> Acesso em: 09 jun. 2021.

RECANTO do MEL. *Site*. Disponível em: <http://recantodomel.com.br/> Acesso em: 08 jun. 2021.

SELBACH. *Calendário de eventos*. 2003.

SELBACH. *Diagnose do Município de Selbach*. 1991.

SELBACH. *Lei Orgânica Municipal*. 1990.

SELBACH. *Revista Selbach*. 2008.

SELBACH. *Selbach e sua História*. Prefeitura Municipal de Selbach. 2ª Semana do Município. Empresa Gráfica Carazinhense Ltda. 1980.

SELBACH. *Site oficial da Prefeitura Municipal*. 2014. Disponível em: https://www.selbach.rs.gov.br/pt_BR/noticias/45/prefeitura-de-selbach-abre-inscriues. Acesso em: 09 jun. 2021.

SELBACH. *Site oficial da Prefeitura Municipal*. 2019. Disponível em: <https://www.selbach.rs.gov.br/> Acesso em: 12 jun. 2019.

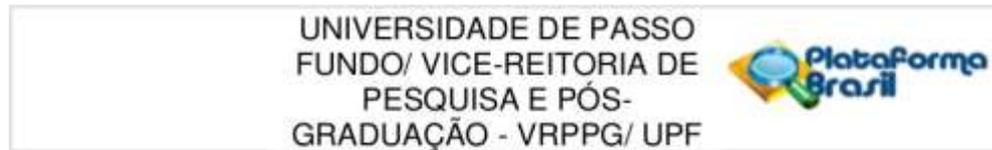
SELBACH. *Um Povo e Suas Histórias*. Prefeitura Municipal de Selbach, Secretaria Municipal de Educação, 1992.

TURISMO. *Site*. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/1456/casa-urban---mini-mundo-parque-encantado>. Acesso em: 09 jun. 2021.

WIKIPEDIA. *Site*.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/3/3c/RioGrandedoSul_Municip_Selbach.svg/1185px-RioGrandedoSul_Municip_Selbach.svg.png, Acesso em: 06 jun. 2021.

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O sotaque alemão no regionalismo rio-grandense: história e práticas

Pesquisador: CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33162820.0.0000.5342

Instituição Proponente: Universidade de Passo Fundo/Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.118.831

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa aborda a criação e a história do Centro de Tradições Gaúchas Estância do Imigrante, instalado no município de Selbach, situado em uma região colonizada por descendentes de imigrantes alemães que se encontra no planalto médio do Rio Grande do Sul. A pesquisa se ocupa da história do regionalismo rio-grandense, fazendo uma análise de como o Movimento Tradicionalista Gaúcho foi gestado e como se mantém defendendo seus valores, inclusive em pequenas entidades, como é o caso do CTG Estância do Imigrante. Trata sobre a história de Selbach, sua colonização, cultura e economia, situando e contextualizando a agremiação em estudo. Para compreender o fenômeno da fundação do CTG, entrevistas com fundadores e fundadoras estão previstas, levando em conta a memória de quem participou do evento. Os conceitos de cultura e de aculturação se fazem necessários para estudar e discutir a aquisição de práticas e valores que eram ignorados até a implantação do CTG Estância do Imigrante.

Objetivo da Pesquisa:

Pesquisar e compreender como ocorreu a implantação do Centro de Tradições Gaúchas em Selbac, investigando a origem histórica do discurso de que Selbach é tipicamente alemã, discutindo a aculturação ocorrida pela implementação de práticas e valores que antes eram estranhos à população local.

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar	
Bairro: São José	CEP: 99.052-900
UF: RS	Município: PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157	E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.118.831

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Relembrar aspectos desagradáveis de sua trajetória individual ou social na medida em que rememora a história vivida como fundador ou integrante da instituição pesquisada. Em caso de desconforto, a pesquisadora o encaminhará para um profissional qualificado.

Benefícios:

A produção de um conhecimento histórico sobre o CTG Estância do Imigrante e sobre a história regional, que estará disponível, também, para os entrevistados e demais moradores de Selbach, RS.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologicamente, essa pesquisa emprega a interpretação de documentos e a história oral, considerando essencial o testemunho das pessoas que fizeram parte da criação e da história do CTG Estância do Imigrante. As falas serão registradas de acordo com a pronúncia dos entrevistados e da entrevistada, com o sotaque alemão, destacando com grifo em itálico, na transcrição. As entrevistas, previamente agendadas, serão compostas por onze questões padronizadas, sendo oito delas de respostas livres, abrindo assim, possibilidade para novos questionamentos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide conclusões.

Recomendações:

Após o término da pesquisa, o CEP UPF solicita:

- a) Acrescentar no TCLE a função do Comitê de Ética em Pesquisa.
- b) A devolução dos resultados do estudo aos sujeitos da pesquisa ou a instituição que forneceu os dados;
- c) Enviar o relatório final da pesquisa, pela plataforma, utilizando a opção, no final da página "Enviar Notificação" + relatório final".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução n. 466/12, do Conselho Nacional da Saúde, Ministério da Saúde, Brasil, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar
Bairro: São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ VICE-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO - VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 4.118.831

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1570064.pdf	02/06/2020 21:32:00		Aceito
Outros	instrumento.pdf	02/06/2020 21:29:34	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito
Declaração de Pesquisadores	naoiniciada.pdf	02/06/2020 21:28:58	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao.pdf	02/06/2020 21:28:34	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo.pdf	02/06/2020 21:28:20	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	02/06/2020 21:28:08	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto2.pdf	02/06/2020 21:27:51	CRISTIELE ALINE KUHN TERHORST	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PASSO FUNDO, 27 de Junho de 2020

Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
(Coordenador(a))

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar
Bairro: São José **CEP:** 99.052-900
UF: RS **Município:** PASSO FUNDO
Telefone: (54)3316-8157 **E-mail:** cep@upf.br